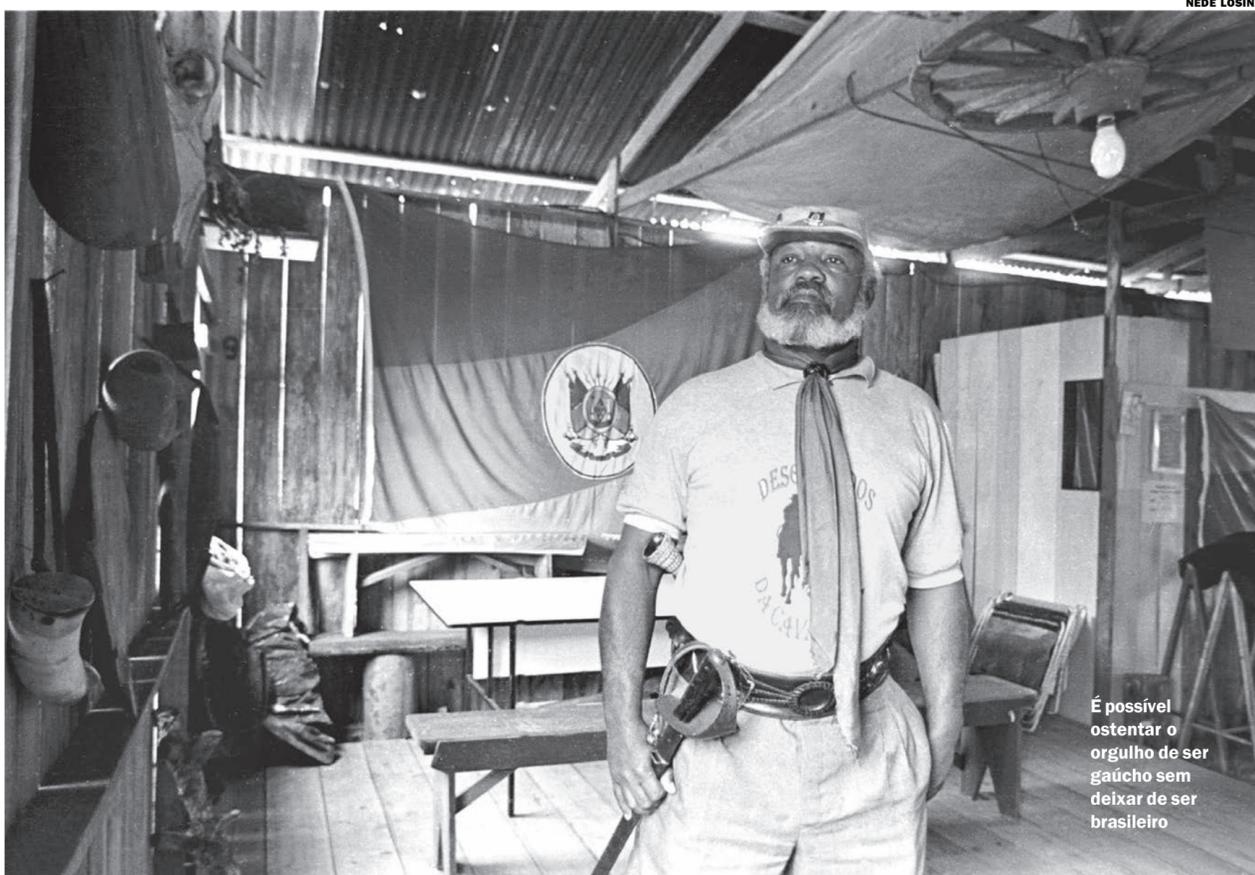


Culto ao gaúcho não é modismo

Antropólogo da UFRGS afirma que o processo de mundialização reforça a busca da identidade local

Antigamente, as palavras gaúcho e gaudério tinham conotação pejorativa: denominavam o ladrão de gado, o contrabandista, o soldado que desertou, levando uma vida à margem da lei. Mas, à medida que esse homem começou a trabalhar em fazendas e a participar de guerras, o termo adquiriu outro significado, passando a representar o peão valente e heróico. Para o professor Ruben Oliven, do Departamento de Antropologia da UFRGS, o termo gaúcho tornou-se tão forte que passou a ser mais empregado que o termo rio-grandense para designar o habitante do Rio Grande do Sul. O Movimento Tradicionalista Gaúcho teve início em 1947, quando estudantes secundários vindos do interior, sentindo-se desgarrados em Porto Alegre, resolveram cultivar a imagem do pago. O professor Oliven salienta que a identidade do gaúcho é uma construção idealizada, mas que o gauchismo é uma coisa forte que veio para ficar. Não é moda, nem algo inventado pelos meios de comunicação. Ao contrário, os meios de comunicação é que se deram conta de seu potencial publicitário. **Página 13**



NEDE LOSINA

É possível ostentar o orgulho de ser gaúcho sem deixar de ser brasileiro



FLÁVIO DUTRA

UFRGS desenvolve prótese inédita e mais barata

Ciência Pesquisadores do Laboratório de Biomateriais (Labiomat), do Departamento de Materiais da Escola de Engenharia, criaram prótese de mandíbula em material bioativo. Eles não só produziram a hidroxapatita a custo muito inferior ao de importação, como desenvolveram processo inédito no uso

deste material, de composição muito semelhante ao dos ossos. “Enquanto um grama da hidroxapatita importada sai em torno de 200 dólares, a produzida no Brasil custa cerca de quatro reais”, ressalta o pesquisador Luís Alberto Santos, professor do Labiomat e um dos coordenadores da pesquisa. **Página 11**

Como os uruguaios vêm o Brasil

Internacional Sociólogo e professor da Universidad de la República, do Uruguai, que participou do Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, na UFRGS, afirma que os uruguaios vêm mudando seu conceito sobre o Brasil: de um país pobre para uma nação importante no desenvolvimento regional. **Página 10**

Venda de armas em pauta

Debates Em 23 de outubro, os brasileiros irão votar no Referendo sobre a Comercialização de Armas de Fogo. Para debater o tema, o Jornal da Universidade convidou os professores Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira, da Faculdade de Direito, e José Vicente Tavares dos Santos, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. **Página 4**

O olhar de Ivette Brandalise



FLÁVIO DUTRA

Perfil Seguindo costume familiar, ela veio estudar em Porto Alegre aos 13 anos, deixando o paraíso da cidade natal para conhecer o purgatório de um internato, onde tudo era proibido. Mas rebelou-se e reencontrou o colo de que precisava para se lançar no mundo. Teve grandes mestres, grandes companheiros, grandes mães. Fez escolhas radicais e viveu momentos importantes, numa época em que se anunciava a Era de Aquário e a revolução socialista. No teatro, aprendeu a tirar o melhor efeito do gesto, do olhar, das palavras e das pausas. No rádio e na TV, onde já foi contundente, encanta e surpreende entrevistados e espectadores com seu interesse, compaixão e bom-humor, e com suas perguntas incisivas. Além de jornalista, Ivette é psicóloga, brinca com argila e vidro, quer dançar mais e, em breve, voltará a ser atriz, num filme de Tabajara Ruas, em que fará o papel de uma velha malvada. **Página 15**

Erva-de-passarinho infesta arborização de Porto Alegre

Primavera Porto Alegre, a capital mais arborizada do Brasil, começa a florescer. Embora a arborização seja indispensável para a absorção do pó e para a oxigenação do ar que a cidade respira, grande parte está em condições precárias. Poucas árvores têm canteiro amplo o suficiente para arejar as raízes, que disputam espaço com canos de água e de esgoto, enquanto as

copas são deformadas pela poda para dar passagem a cabos e fios. O resultado dessa agressão e dos maus-tratos é que 8% das árvores plantadas pela Prefeitura Municipal estão infestadas por erva-de-passarinho que, embora seja medicamento para os humanos e alimento para as aves, suga a seiva bruta das árvores e acaba por matá-las. Isso tem solução? **Página central**

Ciclo sobre western

Cultura De 24 de outubro a 5 de novembro, o cinema universitário Sala Redenção exhibe filmes que marcaram a formação da cultura dos Estados Unidos, seguidos de debates, numa promoção do Departamento de História do IFCH e do Museu da UFRGS. **Página 12**



REPRODUÇÃO

Cartas

Apesar do novo formato, mais bonito e fácil de manusear, senti falta de matérias com um tratamento mais aprofundado. O Jornal sempre teve espaço para publicar o que outros veículos só abordavam de modo ligeiro, mas agora sempre fico com vontade de saber mais.

Roberto Schneider
Ex-aluno de Filosofia

Por que este Jornal não tem cor? Outras publicações de universidades brasileiras utilizam até um papel mais encorpado, que tem maior resistência e não suja as mãos dos leitores. Penso que isso tornaria o Jornal mais atraente, conquistando inclusive o público jovem.

Mário C. A. de Souza
Publicitário

Muito pertinente a matéria sobre a crise política publicada na edição de setembro. Enquanto tantos intelectuais optam pelo silêncio, é bom saber que alguns não temem expor suas opiniões. O Jornal assim demonstra estar acompanhando os fatos do dia-a-dia.

Suzy Andrade
Estudante

Cartas para esta seção:

Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS
e-mail: jornal@ufrgs.br

Charge



Gerson Lopes

Espaço da Reitoria

O papel da gestão

A presença da UFRGS em nosso Estado comemorou este mês 110 anos, através da Faculdade de Farmácia. Sua constante evolução, passando por crises de toda natureza ao longo desse tempo, é uma mostra de que a Universidade é uma instituição assentada em bases que lhe conferem permanência. No aparente "caos universitário" repousa o vigor da instituição. Na medida em que cada membro desta comunidade – docente, técnico-administrativo e estudante – busca, cada um dentro de suas competências, qualificar a instituição, estabelece-se um movimento que nesta sua característica muito própria, impulsiona a universidade. Assim acontece na implantação de novos cursos de graduação e pós-graduação e

na busca de recursos para pesquisa e projetos de extensão, todos amparados por uma estrutura acadêmico-administrativa que se moderniza. Acompanham estas ações iniciativas no âmbito da relação externa da Universidade, permitindo desta forma, o compartilhamento e a interação com a sociedade e outras comunidades acadêmicas.

O papel de uma gestão desdobra-se em orientar e apoiar as iniciativas da comunidade e implementar as ações de caráter estratégico que, a partir da aprovação de seu plano, passam a ser projetos da Universidade. Ao completar um ano à frente da Administração da UFRGS, constatamos que muito já foi realizado e, no entanto, há muito mais a fazer. A UFRGS possui patrimônio

humano e físico onde somente a manutenção do nível atingido consome recursos e energia significativos. As ações em andamento em nossa Universidade têm sido desenvolvidas com o intuito de atender às necessidades de comunicação com a comunidade, tanto interna como externamente. Para tanto, todos os meios estão sendo disponibilizados – rádio, jornal, página da web e, agora, nossa unidade produtora de TV. Vivemos em um tempo em que o conhecimento é o capital mais valioso de um povo, e a Universidade, como sua grande geradora, tem grande responsabilidade em seu compartilhamento.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Com. Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal,
Diogo Onofre Gomes de Souza,
Eduardo Pedro Corsetti,
Enno Dagoberto Liedke Filho,
Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti
Machado, Maria Heloisa Lenz e
Paulo Francisco Estrella Faria

Editora-chefe
Ânia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedroso
Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva, Cristina Lima,
Fabiane M. Lima, Nede Losina e
Tanira Dornelles
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

A UFRGS e as Fundações

Em recente decisão, o Conselho Universitário aprovou o credenciamento junto ao MEC e ao MCT de três fundações de apoio há muito tempo existentes, anteriores à Furgs, e que vêm atuando com vínculos com segmentos de nossa comunidade: a Fundação Médica do RS, cujo âmbito é a área da saúde, principalmente do Hospital de Clínicas, nosso hospital-escola, a Fundação Luiz Englert e a Feenge, estas mais estreitamente ligadas à Escola de Engenharia.

A aprovação pelo conselho superior da instituição é nova exigência legal, mais, mais que uma decisão burocrática, ressalta-se que com este ato se abre a oportunidade de um acompanhamento mais acurado das atividades dessas fundações por parte da Universidade, aumentando a transparência de suas gestões. Além disso, duas novas medidas na mesma direção começam a ser implementadas para reforçar este propósito. A primeira é a criação de Comissão Permanente de Acompanhamento das Atividades das Fundações, designada pelo Reitor, com amplo espectro de funções, dentre as quais acompanhar o caráter finalístico das atividades desenvolvidas, com a preocupação maior de que as mesmas não se afastem dos propósitos para os quais foram criadas. A segunda decisão política da Administração Central, é que tanto esta comissão como as diretorias das respectivas fundações deverão comparecer anualmente em reunião do Conselho Univer-

sitário, quando farão relato de suas atividades, permitindo que a comunidade representada neste órgão melhor conheça e avalie seu desempenho, criticando, sugerindo e corrigindo, se for o caso, seus procedimentos.

Como é sobejamente conhecido, a existência de fundações é objeto de intensa polêmica na comunidade universitária. Sua criação adveio como resposta ao cerceamento com que passaram a se defrontar historicamente as instituições públicas de nível superior, tratadas pela legislação na vala comum das repartições públicas, sem reconhecer a missão e as especificidades da Universidade. Caso se concretize a tão aguardada autonomia, elas perderão sua razão de ser, não precisando ser proibidas por lei, como previa o projeto inicial de reforma universitária do MEC, oportunamente modificado em sua última versão. No caso da nossa universidade, não



*As fundações
vêm prestando
importantes
serviços à
Universidade*

há dúvidas de que as fundações, com a FAURGS à frente, vêm prestando importantes serviços à comunidade universitária, constituindo-se em fundamental instrumento para enfrentar o tão comentado isolamento da Universidade com relação à sociedade, sendo inegável o salto que se deu na interação com prefeituras, secretarias e órgãos estaduais e federais, empresas públicas e privadas, sindicatos e organizações não governamentais. Para tanto, basta constatar o número crescente de convênios firmados entre a UFRGS e instituições nacionais e internacionais, na maioria das vezes canalizando recursos materiais e humanos para nossos laboratórios e bibliotecas, incrementando a qualidade das atividades acadêmicas da graduação, da pós-graduação, da pesquisa e da extensão.

Se essa contribuição é largamente reconhecida pela comunidade universitária,

isto não impede que parte desta veja as fundações com receio e preocupação, principalmente tendo em vista a experiência de algumas universidades do país, em que as fundações proliferaram, dificultando seu controle e ganhando vida quase autônoma, numa indesejável estrutura paralela, muitas vezes guiadas por critérios extra-acadêmicos.

O recente credenciamento ajudará a coibir possíveis desvios de finalidade. A maior salvaguarda é que o mesmo valerá por dois anos, quando será objeto de rediscussão. Institucionaliza-se, portanto, a oportunidade para reavaliações periódicas, capazes de corrigir eventuais falhas e propor novos rumos que se mostrarem necessários. Trata-se de medida efetiva que busca aprofundar a transparência e o acompanhamento das atividades das fundações.

A decisão do Conselho Universitário deve ser vista como evolução, porquanto reconhece uma realidade de fato existente e propõe-se a regrá-la, chamando a si a responsabilidade institucional. Disso decorre, por entendimento da Administração Central, que no atual contexto se afasta completamente a possibilidade de se credenciarem novas fundações. Para a atual gestão, a criação de novas fundações é um capítulo encerrado.

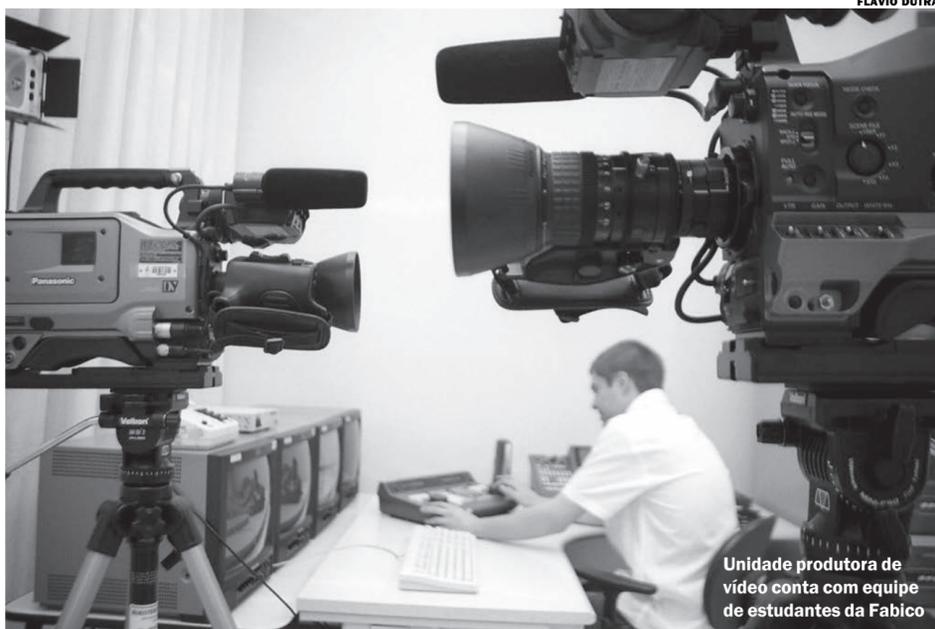
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Vice-reitor e pró-reitor de
Coordenação Acadêmica da UFRGS

UFRGS inaugura estúdio de televisão

Inaugurado no dia 26 de setembro, o estúdio de televisão da UFRGS tornou realidade um antigo sonho da comunidade universitária. O setor, ligado à Secretaria de Comunicação, funciona no prédio da Rádio da Universidade, no Campus Centro, e dedica-se à produção de programas para a UNITV, canal 15 da NET e à criação de vídeos institucionais para as diversas unidades universitárias.

Desde a década de 90, buscavam-se formas de viabilizar a implantação deste estúdio, mas a escassez de recursos impediu a execução do projeto. Em 2004, surgiu a oportunidade, através de um convênio entre a UFRGS e a Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, que cedeu em comodato os equipamentos.

A grade de programação da UNITV é bastante abrangente e está dividida entre cinco instituições: a UFRGS, a Faculdade Federal de Ciências Médicas, o Centro Uniritter, a Fapa e a PUCRS. Segundo a secretária de Comunicação da Universidade, professora Sandra de Deus, a partir do início das operações do estúdio, a UFRGS poderá ocupar mais espaços nesta grade. Ela esclarece que até agora produzíamos apenas os programas *UFRGS Documenta* e *Caderno 2*, realizados pelos alunos de Jornalismo da Fabico. "Com a inauguração, passaremos imediata-



FLÁVIO DUTRA

Unidade produtora de vídeo conta com equipe de estudantes da Fabico

mente a produzir dois outros programas: em outubro, devem estreiar o *Conhecendo a UFRGS*, com 15 minutos de duração, que apresentará espaços e projetos desenvolvidos pela comunidade universitária e será veiculado nas terças e quintas-feiras, às 21h30min; e o *Agenda Universitária*, que acompanhará o dia-a-dia da Universidade, apresentando a cobertura dos principais eventos e uma agenda das atividades dos setores da UFRGS, ainda sem horário de apresentação definido", diz a professora.

Outro aspecto importante destacado por Sandra é o fato de que o estúdio será totalmente operado por alunos da Fabico, das áreas de Jornalismo, de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas. "O grupo do Jornalismo está encarregado de produzir grande parte do material, mas a própria logomarca do estúdio foi criada por alunos da Publicidade e está prevista a colaboração de estudantes desta área na produção de vinhetas e na produção de programas especiais", ressalta. A professora também acredita que

o estúdio representa um ganho tanto para a formação dos alunos, quanto para a Universidade, que tem demandas não atendidas, principalmente na área de produção de vídeos institucionais.

A equipe hoje é composta por alunos das disciplinas de graduação, um técnico contratado para dar treinamento inicial aos estudantes e uma técnica-administrativa. Mais detalhes sobre a nova unidade produtora da UFRGS podem ser obtidos na Secretaria de Comunicação pelo telefone 3316-3176.

Resumo

saúde ■ Unidade básica de Saúde

No dia 18 de outubro, a UBS, Unidade Básica de Saúde do Hospital de Clínicas, irá comemorar um ano de atividades.

Criada a partir de um convênio firmado entre o Hospital de Clínicas e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com a participação da UFRGS, o órgão funciona sob o princípio da Atenção Primária à Saúde, como unidade de assistência, ensino e pesquisa, inserido na rede municipal de saúde e atendendo a cerca de 35 mil pessoas. Além de permitir, pela primeira vez, a inclusão da UFRGS na rede municipal, a Unidade atua dentro de uma proposta de trabalho interdisciplinar, reunindo alunos e professores dos



curso de Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia e, mais recentemente, Odontologia. Segundo coordenador da Unidade, professor Francisco Arsego de Oliveira, do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina, há a intenção de incluir também os cursos de Psicologia e de Educação Física.

Para marcar o aniversário de funcionamento da Unidade, será realizado entre os dias 26 e 28 de outubro, no auditório do Hospital de Clínicas, um seminário para avaliar os resultados dessa experiência. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 2101-8685.

pesquisa ■ Ciência do Esporte

A Escola de Educação Física da UFRGS sediou em setembro o XIV Congresso Brasileiro e o I Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Na palestra de abertura, o médico equatoriano e professor de pós-graduação da USP, UERGS, Unicamp e UFMG, Jaime Breilh, falou sobre *A vida como um fenômeno e como problema de pesquisa*. Para Breilh, o esporte hoje em dia é exercido a partir de uma ótica mercadológica e não como uma prática que contribui para o desenvolvimento humano mais profundo. "O esporte é visto como um comércio na indústria das



academias, onde são comercializadas roupas de marca e o que vale é a visão tecnológica do desempenho."

Contraopondo a idéia de espectadores de esporte, Breilh, apontou a necessidade de políticas que integrem o esporte aos programas sociais, de forma a socializar a prática esportiva conforme a diversidade cultural de cada lugar. "A atividade esportiva deve promover a solidariedade, resgatando a dignidade dos homens." Breilh é investigador dos determinantes sociais e coletivos da saúde e desenvolve pesquisa junto aos trabalhadores da produção de flores e às comunidades campesinas dos Andes.

acordo ■ Estudos sobre a África do Sul

Em visita à UFRGS no dia 1º de setembro, a embaixadora Maria Stela Frota, da Fundação Alexandre Gusmão (Funag) assinou um tratado de incentivo a estudos sobre a África do Sul. Serão doados livros e periódicos para a criação de uma biblioteca especializada dentro da Universidade. Ao mesmo tempo, professores da nossa instituição poderão visitar o país para a realização de pesquisas. O acordo também prevê



o incentivo a estudantes de mestrado e doutorado que estejam realizando trabalhos nesta área, além de suporte à tradução e publicação de obras de autores sul-africanos. A UFRGS é a primeira instituição a participar deste projeto, que pretende especializar diversas universidades brasileiras com o desenvolvimento de pesquisas sobre determinados países.

O reitor da Universidade, professor José Carlos Hennemann, lembrou que a aproximação com a África do Sul reforça os laços econômicos já existentes entre este país e o nosso estado: "É a Universidade exercendo seu papel na comunidade".

esportes ■ Primeiros Jogos da UFRGS

Os Primeiros Jogos da UFRGS são uma iniciativa do DCE e do programa de extensão "Esporte universitário no âmbito da UFRGS", que visa integrar os alunos da universidade em atividades

esportivas, recreativas e culturais. Estão programadas atividades de basquete, vôleibol, natação e futsal, e manifestações culturais e artísticas, além de jogos como truco, sinuca, ping-pong etc. A inscrição dos alunos é gratuita, mediante apresentação do cartão de identificação da UFRGS. A

organização fará a montagem das equipes no local dos jogos. Datas: 1º e 8 de outubro Local e horário: ESEF (Rua Felizardo, 750 - Campus Olímpico), das 8h às 20h. Inscrições gratuitas, por ordem de chegada, no local. Informações: 3316-4205 (DCE) ou pelo e-mail guilermegil@yahoo.com



ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI

Breves

Prêmio Guia do Estudante

A UFRGS recebeu o prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante, da Editora Abril e Banco Real, na Categoria Destaque Regional - Região Sul. A premiação foi realizada no dia 12 de setembro em São Paulo. Também receberam o troféu destaques regionais a USP, a UnB e as universidades federais de Pernambuco e Pará. Para efetuar a premiação, foram avaliados 424 cursos, considerados cinco estrelas.

Comissão de acessibilidade

Com o objetivo de discutir uma política de acessibilidade para a Universidade foi criada a Comissão de Acessibilidade da UFRGS. No primeiro semestre de 2006, haverá um seminário para discutir as formas de atender pessoas com necessidades especiais. O órgão é coordenado pelo professor Darci Campani, superintendente de Infra-estrutura. Contatos pelo telefone 3316-4228.

Bolsas no Canadá

O portal Universia está divulgando informações sobre as oportunidades para estudar inglês e francês, proporcionadas pelo governo do Canadá. São oferecidas três bolsas de estudos para docentes, pesquisadores e doutorandos. As inscrições vão até o dia 25 de novembro e informações completas podem ser obtidas no endereço www.universia.com.br/bolsas.

Atletas premiados

Fabrizio Cadore sagrou-se campeão brasileiro universitário nas Olimpíadas Universitárias - Jubs 2005, realizadas na cidade de Recife, contabilizando cinco títulos para o judô gaúcho. A atleta Jéssica da Silveira Prestes sagrou-se vice-campeã brasileira no Campeonato Brasileiro de Judô realizado em São Luís do Maranhão. Os dois integram o projeto de extensão "Bugre Lucena", da ESEF.

Editais de incubação

Já está aberto o edital para incubação de empreendimentos na área de biotecnologia da Incubadora Empresarial do Centro de Biotecnologia. O processo de incubação é de três anos e a incubadora disponibilizará módulos de laboratórios com áreas de 25 a 75m². O edital pode ser retirado no Centro de Biotecnologia da UFRGS (Av. Bento Gonçalves 9.500, prédio 43421 - Campus do Vale). Mais informações pelo e-mail vivianmutti@cbiot.ufrgs.br

Convênio com o Uruguai

O Conselho Universitário aprovou convênio de cooperação entre a UFRGS e a Universidad de La República, do Uruguai. O acordo possibilitará a investigação nas áreas de Geologia e de Mineração e a promoção da prospecção geoarqueológica e geológica de terrenos relacionados em investigação de violação. Será possível investigar sepulturas clandestinas de pessoas desaparecidas.

Biblioteca digital

A UFRGS dispõe de uma biblioteca digital na qual podem ser acessadas teses e dissertações defendidas pelos membros da comunidade universitária. Os textos estão disponíveis no site www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital. Interessados em divulgar seus trabalhos devem telefonar para 3316-3883.

Edição e redação

Ânia Chala
Colaboraram: Édina Rocha,
Jacira Silveira e Tanira Dornelles



DESARMAMENTO

No dia 23 de outubro, os brasileiros vão novamente às urnas, desta vez para o referendo sobre a proibição do comércio de armas. Os cidadãos serão chamados a se manifestar quanto ao artigo 35 do Estatuto do Desarmamento que diz “É proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, salvo para as entidades previstas no art.

6º desta lei”. Como este artigo causará um impacto sobre a indústria brasileira de armas, a população deverá dizer se concorda ou não com ele.

Antes de responder, é importante que se faça uma reflexão sobre a violência, um dos temas que mais preocupam cidadãos e autoridades em geral. O crescente número de mortos apontado pelas estatísticas,

principalmente entre a população jovem, já produziu muitos discursos políticos, planos de segurança pública mirabolantes, constantes substituições de autoridades da área, campanhas publicitárias dispendiosas, inúmeros trabalhos acadêmicos, a criação de várias organizações não-governamentais, marchas pelas principais ruas das capitais e do interior

do Brasil e, mais do que tudo isso, muito sofrimento que poderia ser evitado.

Para auxiliar os leitores a decidirem seu voto, o Jornal da Universidade convidou os professores da UFRGS Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira, da Faculdade de Direito, e José Vicente Tavares dos Santos, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Um simbolismo

Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira

Professor de Ciências Penais da Faculdade de Direito da UFRGS

A proibição da venda de armas irá concorrer para novas formas de criminalidade

A sociedade, nos dias de hoje, vive aterrorizada, pois já ultrapassamos os níveis endêmicos da violência contra as pessoas. Podemos afirmar que as constantes práticas de violência que nos atingem chegaram a uma quase que insuportável epidemia social de difícil controle.

Buscando meios para controlar essa epidemia anti-social, mais uma vez, o Governo adota uma solução simplista, mas portadora de efeito midiático. Procura-se algo simbólico para demonstrar que o “Governo está vigilante” e que “busca soluções”, quando na verdade o que pretende é transformar o Estado em um ente todo-poderoso, um *levitã* modernizado, travestido de bom moço que esconde suas garras afiadas sob um manto de afabilidade.

Desta vez, o combate à violência serve de pretexto para a intervenção estatal. No entanto, as verdadeiras causas ficam esquecidas ou minimizadas. Até agora permanece em estado de inércia o estabelecimento das quotas de matrículas nas universidades estatais, a serem reservadas às minorias e aos egressos de escolas públicas. Não se dá andamento, também, à idéia de proporcionar o estabelecimento de uma verdadeira democratização do ensino, que tropeça no cansativo argumento favorável ao crescimento de um bolo social, que nunca aumenta o suficiente para ser partilhado com justiça em favor de todos.

Também não se procura favorecer a fixação do homem no campo, impedindo a migração de exércitos de párias sociais a aumentar a miséria nas cidades. A distribuição de renda apresenta-se cada vez mais injusta e, por outro lado, a propaganda comercial mostra-se nitidamente abusiva, criando “necessidades” de consumo às quais somente uma minoria tem acesso. As emissoras de televisão, de outra parte, ministram verdadeiras “aulas” de violência, tornando naturais as agressões, o emprego de armas e banalizando a violência.

Tudo isso indica a necessidade de uma mudança tanto na ação governamental como na conduta dos responsáveis pelas empresas que atuam diretamente na sociedade. A pretendida proibição da venda de armas passará a concorrer para novas formas de criminalidade e incentivo das já existentes. O preço das armas clandestinas e proibidas atingirá cifras importantes, incentivando o “empresariado” a investir nesse novo e promissor comércio.

Por outro lado, não há como compatibilizar a ordem jurídica com a proibição de venda de armas e munições. Isto porque constitui princípio jurídico impostergável e direito universalmente aceito o denominado “auxílio próprio”, que o cidadão pode exercer sempre que os órgãos de segurança não possam socorrê-lo

diretamente na proteção de seus direitos. Se o Estado proíbe o cidadão de adquirir armas e munições para sua defesa, dificulta ou mesmo impede que ele exerça um direito natural.

O indiscutível é que a proibição beneficiará apenas o criminoso, fragilizando o homem comum. O emprego do “auxílio próprio” se tornará inócuo e permitirá a invasão das propriedades particulares, pois os assaltantes sabem que não haverá meios de defesa.

Quem tem interesse no desarmamento dos homens de bem? A resposta somente pode apontar para um governo prepotente, dominador e interessado em se instalar com base na quebra dos mais recomendáveis princípios democráticos.

Por tudo o que se sustentou, a pretendida proibição fragilizará o cidadão e incentivará o crime, afrontando a natural prerrogativa de se defender, nascida com o ser humano, e mantida perenemente pelo contrato social ou inserida pela divindade de modo indelével na consciência dos homens.

Em defesa da vida

José Vicente Tavares dos Santos

Professor de Sociologia da UFRGS e pesquisador do CNPq

Na maioria dos assaltos, mesmo as pessoas treinadas não têm tempo de reagir

O processo civilizatório é caracterizado pela progressiva redução da violência e pelo aumento da capacidade do Estado em preveni-la, aumentar a investigação policial dos delitos e reduzir os atos criminais. Neste sentido, vários são os motivos pelos quais aqueles que defendem a vida humana devem

considerar o sim no momento de votar no Referendo sobre o Desarmamento.

A disseminação de armas de fogo torna a violência estrutural e difusa na sociedade brasileira em uma violência letal. O Brasil é o país onde mais se mata e mais se morre por arma de fogo no mundo. Entre 1979 e 2003, cerca de 550 mil pessoas morreram como resultado do uso de arma de fogo. Deste total, 205.722 eram jovens entre 15 e 24 anos.

Deve-se salientar outro fato: ter armas em casa aumenta o risco, não a proteção. Claro que todo cidadão tem o direito à legítima defesa de sua família, de sua casa e propriedade. Porém, é um equívoco achar que uma arma vai ajudá-

lo. A disponibilidade de uma arma pode transformar qualquer conflito interpessoal em tragédia. Crimes violentos não são causados apenas por delinquentes, mas também por pessoas sem antecedentes criminais que “perdem a cabeça” e matam em situações banais.

As armas de fogo constituem, ainda, uma grande ameaça à vida das milhares. Nas capitais brasileiras, 44,4% dos homicídios de mulheres são cometidos com arma de fogo, a maioria vítima de seu próprio marido ou companheiro. Por outro lado, um terço das pessoas feridas por arma de fogo no Brasil foram vitimadas por disparos acidentais.

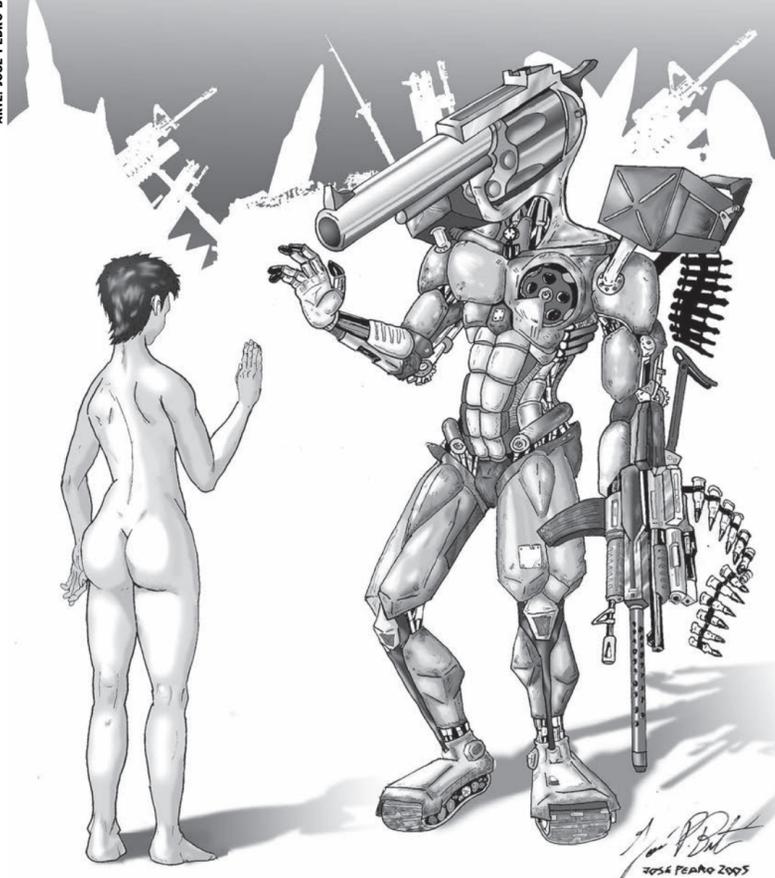
Em caso de roubos e assaltos, o delinqüente tem a iniciativa da “situação” e a vantagem do elemento “surpresa”. Na maioria dos assaltos, mesmo pessoas treinadas não têm tempo de reagir e sacar sua arma. Por outro lado, uma das razões de assaltos a empresas e residências é justamente o roubo de armas para o abastecimento do crime. As armas também são roubadas ou desviadas de quartéis militares, unidades policiais ou empresas de segurança privada. Ainda mais, armas de uso exclusivo das Forças Armadas são fabricadas no Brasil, vendidas legalmente para o Paraguai e contrabandeadas de volta para abastecer o crime organizado.

As principais indústrias de armas e munições do País têm a maior parte de sua produção vendida para as polícias e Forças Armadas ou exportada e poderiam fabricar instrumentos de segurança pessoal não-letais. Estima-se o número total de armas em circulação no Brasil em 17 milhões e 500 mil. Apenas 10% dessas armas são do Estado; o resto, ou seja, 90% estão em mãos civis.

Alguns resultados positivos da Campanha de Recolhimento de Armas foram observados. Pesquisa do Ministério da Saúde mostrou a redução das internações hospitalares causadas por arma de fogo em São Paulo e Rio de Janeiro, de janeiro 2004 a fevereiro 2005. Segundo a Polícia Federal, houve diminuição dos roubos de armas, de 40 mil em 2003 para 15 mil no ano passado. A Unesco publicou, no mês passado, um estudo no qual conclui que, em 2004, houve 5.563 pessoas com suas vidas poupadas, em relação ao ano anterior.

Concluimos com as palavras dos pesquisadores da área da violência e da segurança: “Entendemos que uma política consequente de Segurança Pública requer um conjunto de medidas amplas e articuladas contra a violência que devem começar pelo controle de armas”. Por isso, votaremos sim no plebiscito de outubro, porque desejamos uma sociedade voltada para a paz. Não deixemos de aproveitar esse momento para construir uma sociedade segura e civilizada no Brasil, para todas as gerações.

ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI



“Poder Executivo é responsável pela crise”

Política Professor Andre Marengo explica o porquê, ao analisar ações do governo e dos partidos

Ánia Chala

Depois de mais de 100 dias, a crise política continua desorientando eleitores pelo país afora. Para aprofundar sua análise, no dia 21 de setembro, o Jornal da Universidade conversou com Andre Luis Marengo dos Santos, professor do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS. Na entrevista, o cientista político fala sobre o comportamento do presidente da República e do governo e destaca a atuação dos poderes Legislativo e Executivo.

O professor André Marengo acredita que a responsabilidade pela corrupção é do núcleo governamental, que tinha também o controle sobre a direção do PT. Ele afirma que esse grupo fez uma opção extremamente pragmática para tentar resolver dois problemas: o padrão de relação entre o Executivo e o Legislativo e a carência material de financiamento de campanha do próprio PT e dos partidos da base aliada.

Para o cientista, o Brasil tem um problema institucional sério, resultante da combinação de presidencialismo, multipartidarismo e federalismo, que faz com que o partido do presidente da República seja bastante minoritário. O PT tem hoje cerca

de 18% das cadeiras do Congresso e o PSDB, no governo anterior, não tinha muito mais do que isto. Porém, os dados internacionais mostram que, quando se tem o poder mais dividido, criam-se melhores condições para combater e punir a corrupção.

Logo, governos de coalizão são preferíveis a governos unipartidários. “Uma coisa é termos um governo no qual se negocia com partidos e estes têm um espaço que corresponde à sua representação, resultante da força dada pelo voto”, lembra o professor. Mas não foi esta a estratégia adotada pelo governo petista, que preferiu buscar negociações muito pontuais com parlamentares, utilizando como mecanismo o recurso financeiro.

Por outro lado, o cientista julga que o governo federal e o presidente Lula, como sua maior autoridade, titubearam em relação às denúncias. “A primeira atitude foi rejeitar a CPI, um equívoco que produziu muito da desconfiança, decepção e frustração em relação ao governo, sobretudo quando comparada à trajetória anterior do Partido dos Trabalhadores”, destaca. Para ele, “surpreendidos pelo envolvimento num episódio de corrupção, os petistas não conseguiram retomar a iniciativa na direção daquilo que havia sido a marca do partido: a vanguarda no combate à corrupção”.

Já o comportamento do ex-presidente da Câmara dos Deputados é sintetizado por Andre Marengo com a seguinte expressão: “de onde nada se esperava, dali mesmo é que não iria sair nada”. Mas isso, diz ele, é diferente da situação do PT, um partido

com 25 anos, ao longo dos quais construiu uma reputação associada ao combate à corrupção.

Entretanto, o professor entende que a própria condução que as CPIs vêm dando aos trabalhos de investigação é problemática, porque deixa uma grande interrogação: de onde vem o dinheiro? “Esse dinheiro veio de algum lugar, e quem o disponibilizou esperava alguma coisa em troca. Que contrapartida era essa e em que medida ela foi efetivada nestes dois anos?” Para o cientista político, identificar a origem do dinheiro permitirá a quebra dos vínculos existentes entre os interesses privados e o Estado.

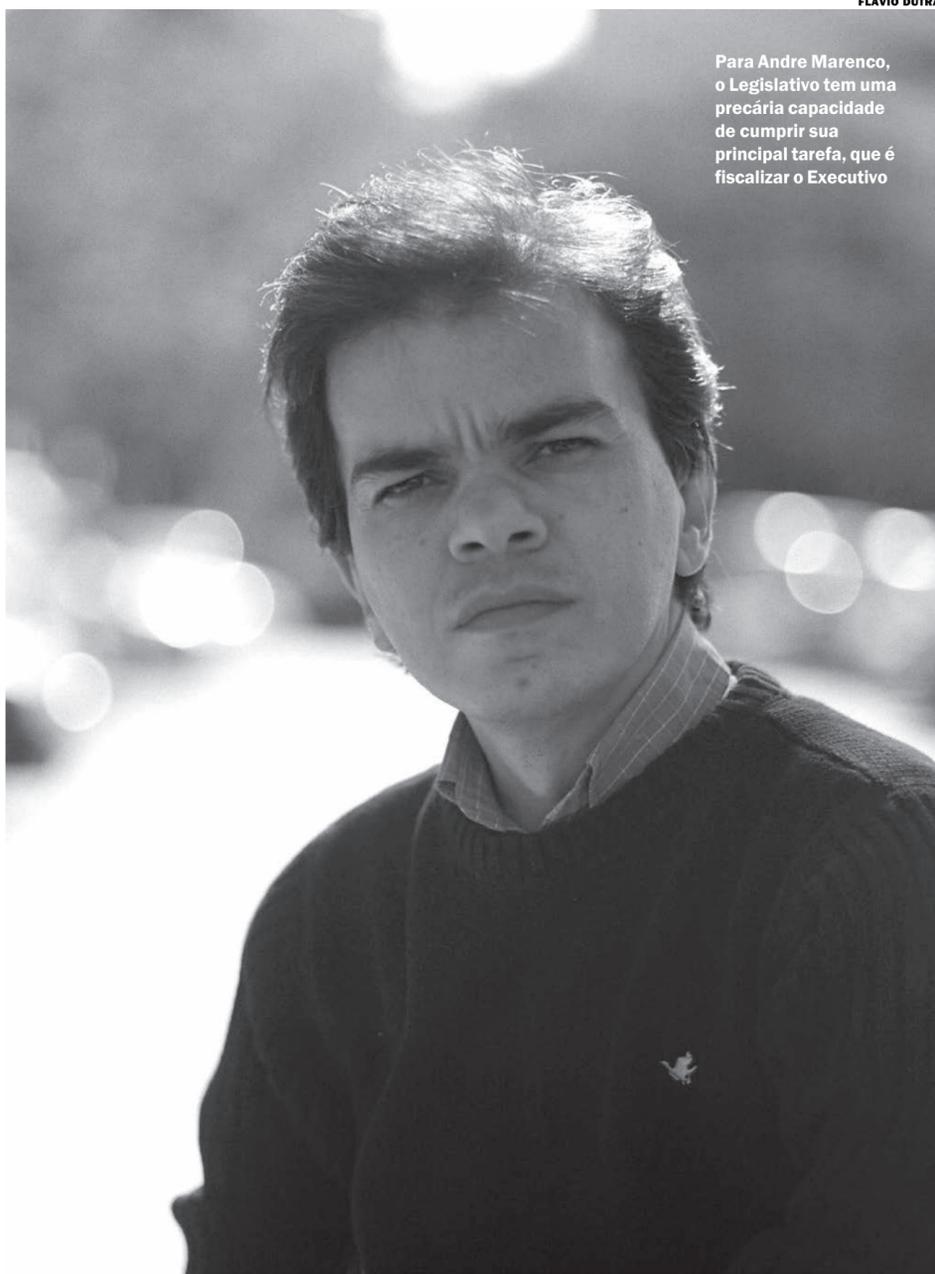
Problemas estruturais – Andre Marengo considera que o fato de que uma parcela de deputados tenha aceitado vender seu voto em troca de apoio financeiro revela a frágil independência desses parlamentares, que vai se traduzir numa precária capacidade do Legislativo de controlar e fiscalizar o Executivo, o que é talvez a sua principal tarefa.

Outro fator que expõe a precariedade do Legislativo é o fenômeno da migração partidária que, para o cientista político, viola o voto do eleitor. Este fenômeno tem dois aspectos: primeiro, a intensidade dessa migração dificulta ao eleitor associar o candidato ao

partido. No Brasil, os eleitores votam na pessoa e não no candidato. Isso acontece porque é necessário muito tempo para que um voto pessoal se transforme num voto partidário. São necessárias sucessivas elei-

ções para que o eleitor comece a associar um parlamentar a determinado partido. Assim, quando um político troca de legenda, o eleitor conclui que o partido não é importante. O segundo aspecto é que essa migração obedece a certos ciclos. Em geral, quando um governo está iniciando, as pessoas saem de partidos de oposição e ingressam no partido do governo. Quando o governo começa a afundar, vão para a oposição, porque não querem ter sua imagem associada a esse governo na próxima eleição. O professor sustenta que tal prática torna a política complicada aos olhos do eleitor, origina muitos dos problemas no Legislativo e deveria ser combatida na reforma política.

Reforma ineficaz – Nos meses de julho e agosto, Andre Marengo participou de dois seminários na Câmara dos Deputados sobre a Reforma Política e considera o atual projeto muito ruim, porque serve aos interesses da elite parlamentar. Ele explica que a proposta baseia-se em dois pontos: o financiamento público e a lista fechada. “O financiamento público supõe a ideia de que vamos dar mais dinheiro público para os partidos e que com isto o caixa 2 irá desaparecer. Esta é uma visão ingênua, pois não há garantia de que os partidos ou os políticos deixarão de arrecadar ilegalmente como fazem hoje”, diz o professor, que também lembra a



Para Andre Marengo, o Legislativo tem uma precária capacidade de cumprir sua principal tarefa, que é fiscalizar o Executivo

Falta profissionalismo ao Legislativo brasileiro

Para o professor Andre Marengo, faltou o rigor e o cuidado necessários na condução que o Legislativo tem dado para as CPIs, pois para punir é preciso fechar as portas legais às quais os envolvidos costumam recorrer na tentativa de evitar a punição. Ele lembra que isso foi feito no episódio da cassação do ex-presidente Fernando Collor. Naquela época, a CPI foi muito cuidadosa na observância dos ritos legais, tanto que obteve a autorização de abertura do processo de *impeachment*, que equivalia ao afastamento temporário do presidente. Collor não teve como recorrer ao Supremo Tribunal para obter o mesmo que os deputados agora tiveram, isto é, a obstrução ou paralisação dos trabalhos. “As CPIs e também a Comissão de Ética deram muita atenção a detalhes pirotécnicos, restringindo-se a uma preocupação com a mídia. Isso permitiu que esses parlamentares recorressem”, constata o cientista.

O professor também sustenta que o mau encaminhamento foi uma responsabilidade conjunta das CPIs, da Comissão de Ética e da própria mesa da Câmara, que foram descuidadas. “Os deputados

recorreram ao direito de defesa, garantido regimentalmente”, diz o cientista, que também entende que a investigação deveria ser direcionada para a questão da origem dos recursos. “Se não atacarmos neste ponto, teremos daqui a alguns anos outro episódio, pois sempre haverá políticos interessados em obter recursos para benefício eleitoral ou mesmo privado.”

Ao comparar o Poder Legislativo brasileiro com o americano, Andre

Marengo afirma que nos Estados Unidos há um elevado grau de profissionalismo, o que implica certa dose de especialização e conhecimento

de diversas áreas jurídicas ou da administração pública. No entanto, quando assistimos às sessões das CPIs brasileiras, verificamos o quanto nossos parlamentares são amadores. O professor acredita que deveríamos ter um Legislativo com comissões mais fortes e estáveis, permitindo aos parlamentares especializarem-se em determinados assuntos. Marengo julga que os “generalistas” do Poder Legislativo conhecem pouco e não são capazes de fazer frente ao Poder Executivo, que dispõe de técnicos habilitados em cada órgão.

“O projeto de reforma política é ruim, por servir à elite parlamentar”

“Faltou competência e profissionalismo na apuração das denúncias”



Alunos da Cefav driblam os problemas

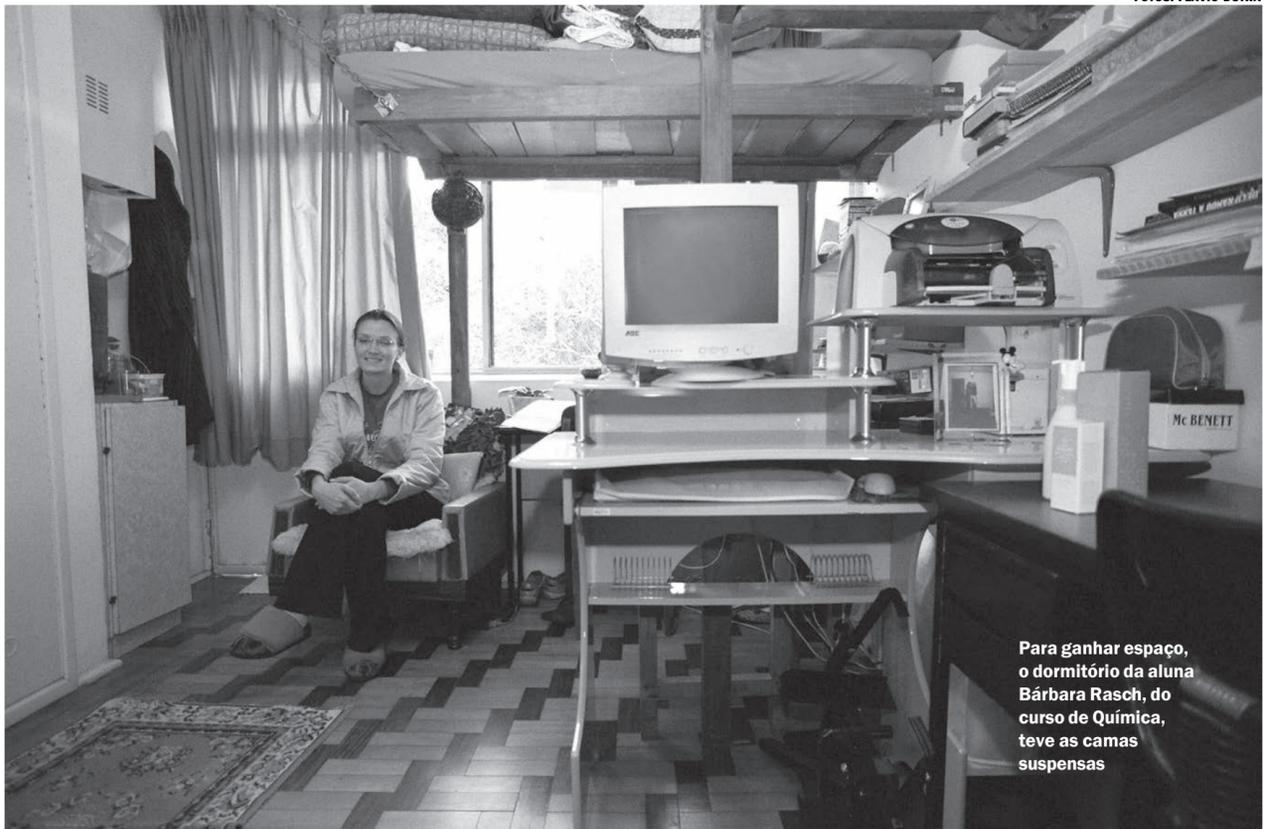
Comportamento Administração em sistema de autogestão favorece organização dos moradores

Tanira Dornelles

As Faculdades de Agronomia e Veterinária, por sua distância do centro de Porto Alegre e abundância de espaço agregam à sua casa do estudante características extremamente particulares. Esta é a única residência que permite aos moradores cultivar uma horta ou simplesmente sentar na grama em um dia de sol com cachorros vira-latas, que visitam a casa em busca de algum resto de comida e acabam sendo adotados.

Os estudantes que moram na Cefav, Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária têm consciência dos problemas gerados pela localização do prédio, mas, mesmo assim, são otimistas. Moradora da Casa há um ano e meio, Cíntia Mariano da Rosa reconhece que a falta de ônibus à noite praticamente impossibilita aos estudantes qualquer chance de frequentar festas, teatro ou cinema na capital: “É uma vida de clausura, raramente saímos, mas isso também nos aproxima dos nossos vizinhos de quarto, nossos amigos passam a ser quem está aqui, enfrentando os mesmos problemas que nós”.

Por outro lado, o fato de ser cercada de natureza e distante dos barulhos da vida urbana faz com que os alunos se considerem privilegiados. “Eu já morei em outras casas de estudantes e sei que só aqui podemos abrir a janela para uma mata linda como esta; na Ceu (Casa do Estudante do Campus Centro) abríamos a janela para a João Pessoa!”, diz Valéria da Costa Velozo moradora da Cefav há dois anos. No entanto, todo o espaço ao redor da Casa acaba contrastando com a situação dentro do prédio: são 106 moradores dividindo 53 quartos e a cada dia buscando novas formas de aumentar a área



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Para ganhar espaço, o dormitório da aluna Bárbara Rasch, do curso de Química, teve as camas suspensas

em que vivem. Valéria tem orgulho em mostrar como ela e seu colega criaram mais espaço ao elevarem as camas a quase dois metros do chão.

Autonomia – Assim como a Ceufrgs, localizada no Campus Saúde, a Cefav também tem um sistema de autogestão. Presidido por três coordenadores, uma secretária e um tesoureiro, dispõe de diversas comissões responsáveis pela solução dos problemas administrativos. “Hoje em dia, temos comissão para tudo: lavanderia, biblioteca, esportes, alojamento, seleção, retriagem, patrimônio... Eu participo de três comissões e aprendi muito com essa experiência; nunca pensei

que ia falar em assembleias ou organizar eventos”, comenta Cíntia. Em sua opinião, a comissão de seleção, da qual já fez parte, é a mais difícil, porque nunca existem vagas suficientes. Anderson Leonardo Luchesi, morador da Casa há três meses, lembra de sua seleção: “É muito difícil, no meu caso havia 13 vagas para mais de cinquenta pessoas e todos realmente precisavam daquela chance”.

Alguns estudantes questionam a efetividade dos poderes destas comissões. Valéria afirma que, muitas vezes, os moradores não as respeitam por serem compostas por estudantes como eles: “Algumas conquistas da administração são muito boas, como a nossa festa junina e a sala de Internet, mas é muito fácil contestar ‘quem é tu para me dizer o que fazer?’ e esse poder acaba por perder a legitimidade”. O regimento da Casa também é razão de conflito por ser antigo e permitir dupla interpretação. Para Valéria o capítulo que trata da retriagem de estudantes é o mais delicado e precisa de atualização o quanto antes. “Eu estou aqui já faz dois anos e ninguém foi expulso da Casa, justamente porque o nosso regimento é desatualizado e não há certeza nas razões que justificam a expulsão de algum morador.”

As dificuldades não são poucas: falta de privacidade, carência de recursos e problemas de segurança. Contudo, os estudantes são gratos pela oportunidade. Cláudio Luís Machado, morador da Casa há três anos, diz que nunca poderia estudar na UFRGS se tivesse que pagar aluguel, o mesmo acontecendo com Carina Ninow, oriunda de Campo Bom. A Cefav não tem como pré-requisito de seleção a distância da Capital, o que beneficia estudantes que moram em cidades

como Gravataí e Canoas, mas não têm recursos para pagar o transporte até a Universidade.

Convivência – As vivências dentro da Casa são motivo de orgulho para muitos estudantes. “Para morar aqui temos que aprender a ser muito claros na comunicação, qualquer coisa que não fique bem entendida pode tomar proporções gigantescas por causa da proximidade na convivência”, ressalta Valéria. Clarissa Brasil, na Cefav há dois anos e meio, diverte-se ao falar da convivência entre estudantes: “Aprendemos a contornar as desvantagens e transformá-las em vantagens; aprendemos a ter uma participação ativa dentro dessa sociedade que tem que ser administrada por nós”.

Uma das questões que os alunos estão tentando resolver é a falta de café da manhã ou jantar no Restaurante Universitário da Agronomia. Aqueles que estudam no Campus Centro têm que sair muito cedo para chegar ao RU da Avenida João Pessoa a tempo de pegar o café e, os que estudam em outros campi, não têm tempo para comer de manhã. Cíntia, que estuda na ESEF, diz que o horário apertado a impede de preparar comida de manhã. A cozinha comunitária da Casa tem que ser dividida entre todos os estudantes o que dificulta o uso. Por isso, muitos alunos optaram por ter um fogão no quarto, mas nem sempre têm dinheiro para comprar gás. Isso levou a administração a fazer um questionário para estudar a viabilidade de conseguir café da manhã e jantar no RU. “É assim que as coisas funcionam aqui: os problemas surgem e nós mesmos temos que arranjar uma solução rápido”, afirma Cíntia.

Insegurança assusta estudantes

Não foram poucos os casos de assaltos que levaram os coordenadores da Cefav a reivindicar alguma forma de proteção para os moradores. “Nós tivemos que quase invadir a SAE, Secretaria de Assuntos Estudantis, depois que um colega nosso foi ameaçado com uma metralhadora”, explica a moradora Cíntia Mariano da Rosa. Hoje em dia, eles se sentem mais seguros devido à instalação de uma guarita na entrada da Casa, que permite ao guarda zelar pelos estudantes desde a parada de ônibus situada na Avenida Bento Gonçalves. Segundo a coordenação da SAE, desde 2003, a guarita conta também com um telefone para contato direto com o setor de vigilância da UFRGS.

Ainda assim, muitos estudantes fazem um esforço para chegar à Casa antes de escurecer. No entanto, o horário das aulas na Universidade obriga muitos a estudarem à noite para poder trabalhar durante o dia. Cíntia não gosta de chegar à noite e por isso estuda somente durante os períodos da manhã e da tarde e também evita sair para festas. “Acabamos por ficar aqui; a Cefav transformou-se em minha referência de casa, nem mesmo nos finais de semana vou a outros lugares”, diz a estudante.

Ao contrário da Ceu, na casa da Agronomia não existe um sistema de identificação na entrada do prédio, de modo que qualquer um pode entrar. A estudante Valéria diz que isso dificulta o controle dentro da Casa, mas que – durante o tempo em que ela morou ali – nunca houve qualquer caso de entrada de pessoas estranhas nos quartos dos moradores.



Moradores da Cefav disfrutam de extensa área verde

Iniciação Científica revela pesquisadores

Reconhecimento Estudantes comentam conquistas e desafios vividos durante a pesquisa na graduação

Jacira Cabral da Silveira

Desde 1989, quando foi realizado o primeiro Salão de Iniciação Científica da UFRGS, tem aumentado o número de inscrições de trabalhos de jovens pesquisadores de diferentes universidades, tanto nacionais quanto de países latino-americanos. Assim como o Salão, a Feira de Iniciação Científica, criada em 1992, é iniciativa que visa a valorizar atividades de pesquisa na graduação, no âmbito da Universidade.

Desafiados, os estudantes selecionados para o Salão participam de três modalidades: publicação de resumo, apresentação oral e demonstração de pôster. Essas atividades preparam os alunos para apresentação de trabalhos em congressos científicos. Segundo o depoimento de alguns dos estudantes premiados no Salão de Iniciação Científica de 2004, são verdadeiros estes desafios que acabam assumindo papel importante em seu futuro profissional. A estudante de jornalismo Tanira Dornelles falou com alguns destes jovens sobre a influência da premiação na vida acadêmica e em que medida a iniciação científica incrementou a formação acadêmica.

Maria Clara Jobst de Aquino, estudante de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, foi premiada no Salão de Iniciação Científica e diz ter sido de grande valia a experiência vivida. Para ela, que deseja seguir carreira acadêmica, a premiação serviu como estímulo para continuar trabalhando com pesquisa, além de lhe dar reconhecimento dentro da Universidade. "Atuo como bolsista desde o terceiro semestre e agora tenho mais certeza de que não quero abandonar a pesquisa; foi um trabalho gratificante."

Para Cristiane Matté, mestrande da Bioquímica da UFRGS, o prêmio foi estimulante pela visibilidade dada a seu trabalho nas ciências biológicas, que foi desenvolvido ao longo de quatro anos. "O Projeto de Iniciação Científica teve papel fundamental em minha graduação porque me proporcionou crescimento pes-

soal e profissional. A pesquisa me transformou numa pessoa que tem sede de saber e de fazer novas descobertas."

Gabriela Salatino Liedke, do curso de Odontologia da UFRGS, aponta duas razões pelas quais lembra com orgulho da pesquisa realizada para o Salão: primeiro, pela experiência acadêmica diferente, segundo; pela oportunidade de reforçar a imagem da Faculdade de Odontologia como referência de pesquisa. "A experiência adquirida durante aquele tempo ensinou-me a forma correta para a elaboração de um trabalho científico e tornou-me mais responsável e organizada." Atualmente, Gabriela trabalha com pesquisa na área da Radiologia.

"A experiência daquele tempo me tornou mais responsável e organizada"

Keyla Djamila Chaves dos Santos, da Escola de Engenharia da UFRGS, diz que a Iniciação Científica foi uma oportunidade para aplicar na prática o aprendizado teórico adquirido durante a graduação. Ela descreve a experiência dentro da pesquisa como enriquecedora por "oportunizar o desenvolvimento de características importantes para a vida profissional: responsabilidade, presteza, criatividade, iniciativa, versatilidade etc." Além de aprofundar o conhecimento sobre uma área de interesse, Keyla acredita que o prêmio recebido no ano passado foi o principal incentivo para que ela continuasse trabalhando com pesquisa.

Alexandre Coster, do curso de Informática da UFRGS, que atualmente trabalha com gerência de *clusters* de alto desempenho, afirma que como bolsista teve a chance de trabalhar em um ambiente de pesquisa de ponta.

A estudante Simone Borges, que na época da premiação esta-

va se preparando para ingressar no Mestrado em Letras da UFRGS, acredita que a conquista no Salão de 2004 serviu como um sinalizador de que ela estava no caminho certo. Atualmente, é bolsista Capes na área de Estu-

dos da Linguagem, sob a orientação da mesma professora com quem trabalhou durante a Iniciação Científica na graduação e o tema de sua dissertação é uma continuação da pesquisa realizada na Iniciação.

Cristiano Feltrin, das Ciências Agrárias da UFRGS, não tem dúvidas de que a conquista do prêmio abriu diversas portas na sua carreira. Desde a premiação, ele tem realizado pesquisas na área das ciências agrárias, apresentou um trabalho no Rio de Janeiro e está preparando outra participação num evento que ocorrerá em 2006, na Flórida (EUA). Cristiano ressalta que, apesar da pesquisa ser um trabalho exigente e cansativo, recebeu todo o apoio do seu orientador e do Laboratório de Embriologia e Biotécnicas de Reprodução da UFRGS. Isso favoreceu na elaboração do resumo, no projeto do pôster e na apresentação do trabalho de pesquisa.



Salão e Feira voltam ao Campus Centro

O 17º Salão de Iniciação Científica e a 14ª Feira de Iniciação Científica serão realizados de 17 a 21 de outubro, no Campus Centro, concentrando as atividades no segundo andar da Reitoria e nas Faculdades de Educação (Av. Paulo Gama, 110, prédio 12201) e de Arquitetura (Av. Sarmento Leite, 320). Dos 2.989 trabalhos inscritos, 79% são de instituições gaúchas e o restante de estados como Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Amazonas. As duas áreas com maior número de inscritos foram Ciências Biológicas e Ciências Humanas, sendo que esta última é a que concentra maior quantidade de trabalhos de outras universidades.

Este ano, as pegadas de um pinto decorarão o piso do Campus Centro, indicando aos visitantes o lugar da atividade a ser vista. Algumas das atividades que farão parte do percurso são: a exposição açoriana no Museu da UFRGS e o Circo de Física, que apresentará destaque de temas como a

microeletrônica e a astrofísica. Também está previsto o Sumô de Robôs, no qual equipes de estudantes tentarão empurrar o robô oponente para fora de uma arena. A programação diária poderá ser consultada no mural de entrada do Salão de Atos ou na página da Pró-reitoria de Pesquisa - Propesq <http://seberi.propesq.ufrgs.br/propesq2005/index.php>.

E quem quiser verificar o grau de aprofundamento teórico e o desenvolvimento científico das pesquisas elaboradas pelos estudantes inscritos no Salão poderá assistir às apresentações conforme sua área de interesse: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes. Estas atividades estarão concentradas na Faculdade de Educação, onde os visitantes podem informar-se sobre os trabalhos a serem apresentados a cada dia.

Mas um dos maiores desafios para os estudantes de iniciação científica

ocorre durante a Feira quando precisam explicar seus trabalhos a visitantes leigos. "Isso exige muito deles, pois é necessária adaptação de linguagem", comenta Marininha Aranha Rocha, vice-pró-reitora de Pesquisa e coordenadora geral do evento. A Feira deste ano terá nove estandes com os trabalhos de pesquisa selecionados.

Como já acontece há alguns anos, são escolhidas escolas de ensino fundamental e médio, tanto da rede pública como privada, para apresentarem seus trabalhos de feiras científicas escolares durante o Salão. Este ano, participarão instituições como: Escola Estadual de Ensino Médio David Canabarro, Colégio de Aplicação, Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita Leão, Escola de Ensino Fundamental Lauro Rodrigues, Escola Estadual Técnica José Feijó, Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Judith Macedo Araújo, Colégio Santa Rosa de Lima e Colégio Israelita-brasileiro.

Programação cultural

Dia 17/10 segunda

Abertura - Percussão Villa-Lobos, às 8h30min, no saguão da Reitoria.

Mesa-redonda - "A construção das Ciências Naturais e Sociais no Estudo das Questões Ambientais", às 12h, no auditório da Faculdade de Arquitetura. Apresentação musical - Vocal "Muito Prazer", às 18h, na Tenda Cultural na Faculdade de Educação.

Dia 18/10 terça

Círculo de Expressão Plástica, às 12h, na Tenda Cultural na Faculdade de Educação. Lançamento dos livros do Programa de Pesquisa ao Ensino de Graduação, às 18h, no segundo andar da Reitoria. Exibição do filme "Ilhas Urbanas", às 18h30min, no cinema universitário Sala Redenção.

Dia 19/10 quarta

Rapel Humano, às 12h, no prédio da Faculdade de Educação. Apresentação musical - Grupo Nhanderú Jepoverá, às 18h, na Tenda Cultural na Educação.

Dia 20/10 quinta

Contadores de histórias, às 12h, na Tenda Cultural na Educação. Apresentação musical - Confraria do Sax, às 18h30min, na Tenda Cultural na Educação.

Dia 21/10 sexta

Encerramento - Premiação dos destaques, às 17h, no Salão de Atos da UFRGS.

De 17 a 21/10

Sessão de Pôsteres, das 17h às 18h, no segundo andar da Reitoria. Circo de Física, das 9h às 19h, no lado externo do Museu.

Erva-de-passarinho infesta oito por

Botânica *O semiparasita, que também é erva medicinal, ataca principalmente as árvores exóticas*

Ademar Vargas de Freitas

Porto Alegre tem cerca de 1 milhão e 300 mil habitantes e se orgulha de ter 1 milhão de árvores plantadas em ruas e avenidas, sete parques e quase 600 praças. Vista num plano geral, a paisagem parece perfeita. Vista em detalhes, revela-se o drama: cerca de 8% dessas árvores, geralmente exóticas e antigas, estão infestadas por erva-de-passarinho, um semiparasita que se alastra com rapidez e, com o tempo, exaure e mata o hospedeiro.

Na UFRGS, o botânico Bruno Irgang diz que não vale a pena podar árvores muito infectadas. Ele aconselha a afrouxar o solo para melhorar as condições da árvore e plantar ao lado uma frutífera nativa, mais resistente. O secretário municipal do Meio Ambiente, Beto Moesh, diz que essa substituição já vem sendo feita, como atestam os biólogos da Smam Flávio Barcelos, gerente da Zonal Norte e especialista em erva-de-passarinho, e Régina Patrocínio, gerente da Zonal Centro, a área mais afetada. No Menino Deus, moradores falam sobre a infestação e contam como se mobilizaram para salvar um cipreste e um pinheiro.

O passado condena – O botânico Bruno Irgang, professor aposentado da UFRGS em abril de 2004 e agora atuando como professor convidado, diz que a origem da infestação atual está no passado, quando os técnicos davam preferência a espécies exóticas e achavam que árvore tinha que ser podada.

Trinta anos atrás, juntamente com o ecologista José Lutzenberger e com o professor Antonio Tavares Quintans, então, chefe do Departamento de Botânica,

Irgang fez parte de uma comissão que estudou a arborização urbana da cidade e concluiu que as árvores não devem ser podadas nem ter os troncos pintados.

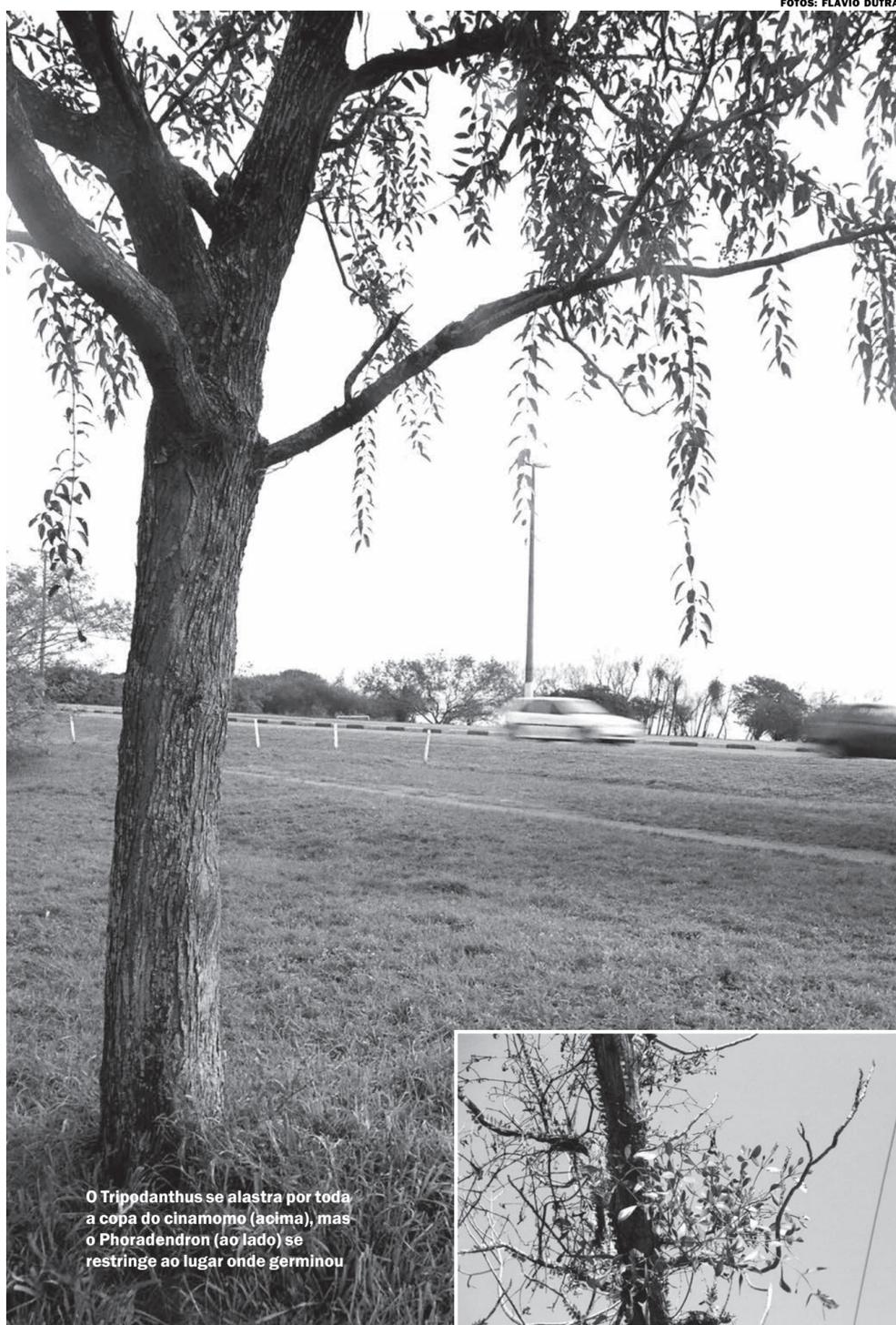
Segundo Irgang, já se fez muita bobagem ao longo do tempo, como plantar guapuruvus, a maior árvore da Mata Atlântica, em canteiros centrais da Avenida Protásio Alves, que têm apenas um metro de largura. “Nos arredores da Reitoria da UFRGS, cinamomos e plátanos sofrem com a poluição, a poda e os parasitas. Muitos plátanos apodreceram por dentro, ficaram ocos como chaminés.”

O botânico diz que, em exemplares jovens, ainda é possível controlar a erva-de-passarinho, e a Prefeitura tem técnica para isso, mas em árvores muito velhas, já condenadas, é preferível não mexer. “A não ser que seja digna de preservar, uma árvore notável ou protegida por lei, mas a tentativa de salvá-la, além de cara, poderia ser inútil.”

O mais indicado, segundo o professor Irgang, é parar com as podas e melhorar o solo, plantando uma muda de espécie nativa, mais resistente, ao lado de cada árvore infestada. “Afrouxar o solo e plantar grama, como foi feito, 20 anos atrás, nos canteiros centrais da Avenida Osvaldo Aranha, onde se alternam palmeiras e jacarandás.”

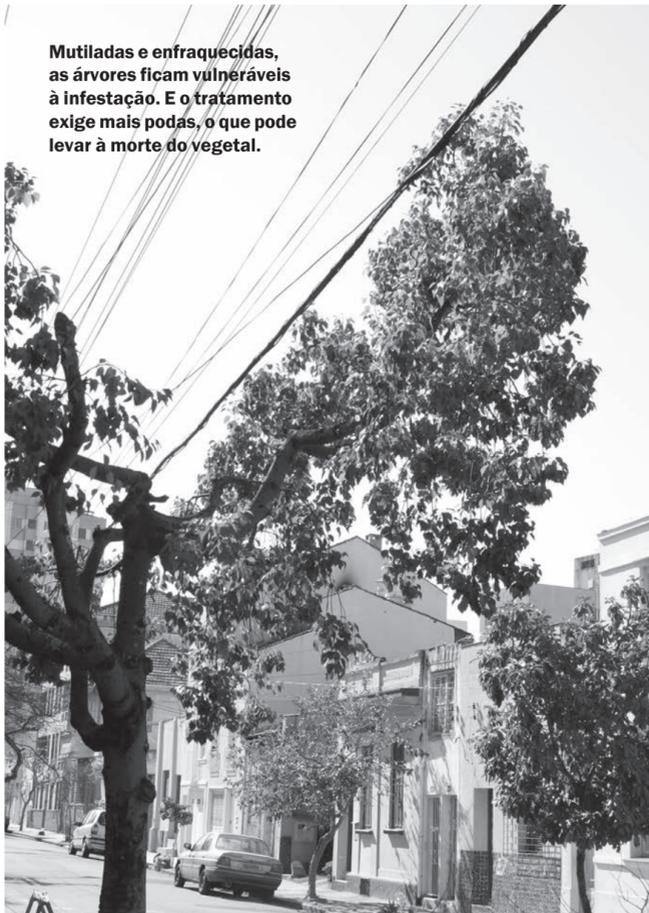
Outra saída é plantar trepadeiras em vez de árvores, como já vem sendo feito na Europa. “Com uma ramada, que pode ser vertical ou horizontal, é possível fazer um túnel sobre a calçada. Ou não plantar árvore nenhuma. Em cidades planejadas, a tendência é fazer a arborização urbana apenas num lado da rua. No outro, ficam os serviços, água, esgoto, telefone.”

Bruno Irgang:
“Porto Alegre foi arborizada principalmente com espécies exóticas”



O *Tripodanthus* se alastra por toda a copa do cinamomo (acima), mas o *Phoradendron* (ao lado) se restringe ao lugar onde germinou

Mutiladas e enfraquecidas, as árvores ficam vulneráveis à infestação. E o tratamento exige mais podas, o que pode levar à morte do vegetal.



O trabalho da Smam quase não aparece

A bióloga Régina Patrocínio, gerente da Zonal Centro da Smam, explica que árvores infestadas tendem a reinfestar-se: as frutinhas da erva atraem os passarinhos, que acabam lançando novas sementes sobre os galhos da árvore hospedeira. “Às vezes, a infestação é tão grande que, mesmo com limpezas periódicas, a árvore volta a se infectar, está vulnerável. Além disso, a semente é muito pegajosa, onde cai se fixa.”

Régina concorda: a infestação se dá mais na parte antiga da arboriza-

ção, que já está enfraquecida pelas podas, pronta para o ataque da erva-de-passarinho. Desde 1987, quando começou sua carreira de bióloga, ela vem observando a regressão do estado vegetativo dos ligustros, a espécie exótica mais antiga na arborização da cidade.

Às terças-feiras, a turma encarregada da conservar a arborização urbana na Zonal Centro se dedica ao controle da erva-de-passarinho. Mas a área é grande, e o serviço é minucioso e demorado. “Quase não aparece”, diz Re-

gina. Para extrair a erva-de-passarinho ainda verde, é necessário usar facão, decepar galhos, o que danifica e enfraquece a árvore, deixando-a exposta à umidade e a diversos tipos de agressão.

Mas já está sendo experimentado um método menos traumático, que consiste em cortar apenas a parte principal da erva-de-passarinho, mais rígida e espessa. Com isso, as ramas verdes e os filamentos que aderem aos galhos para a sucção acabam secando e depois são retirados.



cento da arborização de Porto Alegre

óticas e antigas, enfraquecidas por podas malfeitas, obstáculos, poluição e maus-tratos diversos

A infestação está diretamente relacionada ao sofrimento da árvore

O biólogo Flávio Barcelos Oliveira, gerente da Zonal Norte da Smam, afirma que grande parte das árvores que margeiam as ruas e avenidas de Porto Alegre está estressada: as raízes conflitando com redes subterrâneas ou sufocadas por asfalto, laje, cimento; a copa podada em V para dar passagem aos fios ou sofrendo atritos com luminárias, semáforos, marquises, telhados; suportando umidade, falta de sol e impactos diversos. “A incidência da erva-de-passarinho está diretamente relacionada ao sofrimento da árvore”, diz o biólogo.

Essa infestação, conforme Barcelos, é decorrente dos maus tratos produzidos pela poda total e mal feita que se praticou na arborização de Porto Alegre até os anos 70. “Equipes conjuntas da Prefeitura e da Companhia de Energia Elétrica (que desligava a rede de energia) podavam tudo. Botavam a copa abaixo a facão, quando muito, usavam serrrote, o que esgarçava os galhos e provocava apodrecimento e debilidade nas árvores, deixando extensas áreas necrosadas.” Em 1971, a comunidade do Bom Fim se organizou a impediu a poda geral das árvores da Independência, mas muitas delas morreram e não foram substituídas.

O livro não saiu – Barcelos formou-se em 1988, mas trabalha há 30 anos com arborização e sempre se preocupou com a infestação de semiparasitas. Em 1992, publicou um trabalho técnico-científico *A incidência de erva-de-passarinho na arborização urbana de Porto Alegre*, com dados colhidos desde 1981, mas ainda não conseguiu apoio para publicá-lo em forma de livro. A pesquisa constatou que as árvores localizadas sob a rede elétrica tinham de 20% a 30% mais probabilidades de serem atacadas por erva-de-passarinho e eram as que mais quebravam durante as tempestades.

Segundo o biólogo, a infestação atinge cerca de 8% da arborização e está mais concentrada na parte antiga da cidade, em Petrópolis e na área da Zonal Centro, que abrange os bairros Menino Deus, Cidade Baixa, Bom Fim, Independência e Floresta. Em Petrópolis a arborização é constituída principalmente por cinamomos; no Centro e no Menino Deus predominam as exóticas ligustro e extremosa, além do jacarandá, que é nativo. Daí a importância de diversificar ao máximo as espécies plantadas em cada bairro e em cada rua.

Ele considera que a incidência de erva-de-passarinho, iniciada nos anos 80, foi um mal necessário, uma espécie de aviso. “Como



tem três turmas, a Zonal Sul tem quatro, a Zonal Norte tem quatro, e a Zonal Centro tem apenas uma. Num dia de trabalho, uma turma consegue tratar até doze árvores.

É possível combater a erva-de-passarinho sem poda, basta retirar cuidadosamente o haustório, que é a parte da raiz especializada em sugar a seiva bruta da árvore. Mas há falta de equipamento e de pessoal. “Nós, técnicos, estamos pleiteando mais equipamentos, especialmente caminhões-balaios, com mecanismo hidráulico que leve o operário à copa das árvores com segurança. Atualmente temos apenas três desses veículos para servir as quatro zonais e também para atuar nos sete parques municipais. O

ideal era ter dois caminhões-balaio por zonal. Também há necessidade de abrir concurso público para jardineiro. Mas, o mais importante é o trabalho preventivo que vem sendo realizado desde 1998 com o Programa Preventivo de Combate à Erva-de-passarinho, que visa a reduzir drasticamente o plantio das espécies mais suscetíveis e incrementar o plantio de frutíferas nativas. “Tendo frutíferas nativas à disposição, a avifauna se alimentará menos da erva-de-passarinho, disseminando-a menos, o que permite controle maior.” Além disso, um convênio entre a Smam e a CEEE está substituindo as cruzetas de 2,70m de comprimento que sustentavam fios desencapados por losangos de 20 centímetros de largura, com cabos ecológicos, revestidos com material impermeável, o que evita a poda das copas.



Flávio Barcelos:
“A saída é plantar menos espécies exóticas e mais nativas frutíferas”

Sob controle – Mas o biólogo afirma que, de forma geral, a infestação está sob controle. Em situações normais, todas as terças-feiras, as quatro zonais da Smam deslocam uma turma de arborização (um capataz e quatro peões) para o trabalho de retirada de erva-de-passarinho, atividade que esteve parada de junho a setembro, devido ao trabalho de plantio. A Zonal Leste

tem três turmas, a Zonal Sul tem quatro, a Zonal Norte tem quatro, e a Zonal Centro tem apenas uma. Num dia de trabalho, uma turma consegue tratar até doze árvores.

disso, um convênio entre a Smam e a CEEE está substituindo as cruzetas de 2,70m de comprimento que sustentavam fios desencapados por losangos de 20 centímetros de largura, com cabos ecológicos, revestidos com material impermeável, o que evita a poda das copas.

O retorno dos pássaros – A opção por espécies nativas, que suprem de alimento os passarinhos e resistem melhor ao frio do inverno e à umidade do verão, foi feita há mais de 15 anos. Nos últimos cinco anos, já foram plantados mais de 50 mil unidades de diversas espécies nativas (pitanga, araçá, guabiroba, guajuvira, tarumã-preta, cerejeira, ipê amarelo, ipê-roxo, ingazeiro, sibipiruna, canafístula, corticeira, camboim), e apenas umas cem unidades de ligustro, extremosa ou cinamomo, que não devem ser eliminadas da vegetação.

“O resultado disso é que, de forma geral, os pássaros estão retornando para a arborização da cidade, vindos do Delta do Jacuí, Morro Santana, Morro do Osso, Agronomia, Lomba do Pinheiro. Temos sabiá, coleirinho, rabode-palha, pintassilgo. Mesmo o canarinho, que não é nativo, mas está adaptado, vem se aproximando. Num ligustro aqui ao lado da Zonal Norte tem um casal de chimangos, e até cardeal já viram no Parque Farroupilha.”

No Estádio dos Eucaliptos há poucos eucaliptos

Em árvores novas também é possível haver ataque de parasitas, garante o aposentado Léo Frediani, morador do Menino Deus e observador das árvores. Ele tem visto muitos exemplares jovens atacados pela erva-de-passarinho e acha que será muito difícil vencer essa luta.

“Não se respeita a vegetação, cortam árvores grandes e pequenas, destroem tudo para construir prédios, colocar placas de propaganda... E o que não é cortado vai sendo infestado pela erva-de-passarinho. A Smam diz que está retirando esse parasita, mas o que se vê é que cada vez ele se alastra mais.”

Frediani conhece bem as perdas ocorridas no bairro. A erva-de-passarinho já matou muitas árvores, infestou os plátanos em redor da igreja e atingiu o Parque Marinha do Brasil. O Estádio dos Eucaliptos, famoso em outras épocas por gloriosos embates do Sporte Clube Internacional, já perdeu quase todos os eucaliptos que lhe deram nome. Foram morrendo um a um, e os que restam estão definhando embaixo da erva-de-passarinho.

Ele também não se conforma com a morte do enorme eucalipto que até o ano passado marcava a esquina das avenidas José de Alencar e Getúlio Vargas, do Menino Deus. “Tinha quase 100 anos e ficava no canteiro central, entre duas palmeiras. Foi consumido pelo parasita, apodreceu e teve que ser

cortado, só ficou o toco.”

Mas a ameaça às árvores do Menino Deus não vem apenas de cima e não atinge apenas a arborização pública. Frediani lamenta também a derrubada da enorme figueira benjamim que existia junto ao prédio abandonado da antiga gráfica da Editora Globo, na avenida Getúlio Vargas. “Foi cortada com motosserra, caiu logo depois prédio, para dar lugar a um conjunto residencial de luxo.”

Nem tudo está perdido. No ano passado, o Condomínio Guatambu, um edifício de oito andares, na Rua Botafogo, 852, Menino Deus, montou uma operação para salvar um cipreste, quase tão alto quanto o prédio. Próximo ao topo dessa árvore longilínea havia um tufo de erva-de-passarinho. Por iniciativa do então síndico Larry Rivoire, um técnico subiu por dentro da copa até a altura do quinto pavimento. O trabalho, minucioso, se desenvolveu ao longo de uma manhã e custou 300 reais. “Valeu a pena”, diz Rivoire, orgulhoso.

No início de setembro, também no Menino Deus, o gerente de um grande supermercado da Avenida José de Alencar, alertado por clientes, mandou limpar um pinheiro australiano infectado pela erva-de-passarinho, de um renque de três, que enfeita a frente do prédio. O semiparasita foi retirado por um funcionário da manutenção.

NÃO CONFUNDA

Epífita não é parasita



O cravinho-do-mato se alimenta da poeira e dos resíduos da casca parasita

Parasitas alimentam-se da seiva elaborada pelo hospedeiro, já que não conseguem realizar a fotossíntese, por não terem clorofila. Hemiparasitas (semiparasitas), sugam a seiva bruta do hospedeiro e realizam a fotossíntese através das folhas verdes, com clorofila.

Embora sejam mais prejudiciais, os parasitas são menos frequentes pois disseminam-se com menos intensidade. Entre eles está o cipó-chumbo, também conhecido como fios-de-ovos, que ataca principalmente o milho, a grama e um arbusto conhecido como coroa-de-cristo. Nas histórias de Asterix, o druída Panoramix utiliza um visgo que parasita o carvalho para produzir sua poção mágica.

Entre os hemiparasitas estão diversas plantas chamadas de erva-

de-passarinho. Há dois gêneros principais: o Phoradendron, que fica restrito ao lugar onde germinou; e o Tripodanthus, mais agressivo, principalmente o da espécie *acutifolia*, que lança longos ramos pendentes dos galhos do hospedeiro e se alastra pela copa da árvore.

Mas, nem todas as plantas que se fixam em árvores são predadoras. Muitas são apenas epífitas, plantas que se fixam nos galhos e troncos, alimentando-se da poeira ou dos resíduos da casca. Entre essas, estão as orquídeas, o cipó-cabeludo, o cravinho-do-mato, as samambaias e as bromélias, como a barba-de-pau. Para evitar confusão, é necessário licença da Smam para limpar as árvores. Qualquer problema com a arborização deve ser comunicado à Prefeitura através do telefone 156.



Para os uruguaios, o Brasil ainda é pobre

Nossos vizinhos 2 Analista constata lenta mudança do conceito dos uruguaios em relação aos brasileiros

Jacira Cabral da Silveira

Para o sociólogo e professor da *Universidad de la República*, do Uruguai, Gerónimo de Sierra, que esteve no Brasil em agosto, participando do 25º Congresso da Asociación Latinoamericana de Sociología (Alas): “A idéia de um Brasil muito pobre sempre esteve presente entre os uruguaios, até porque, durante muitas décadas, os indicadores sociais brasileiros eram muito baixos.” Embora esse conceito venha mudando nos últimos anos, ainda é difícil para esses vizinhos latino-americanos imaginar o Brasil como uma nação que possa, por exemplo, bater a Argentina.

Sierra é graduado pela Université de Louvain, na Bélgica, e cursou doutorado na Escola de Estudo Superior em Ciências Sociais da Universidade de Paris X, na França. Além das atividades acadêmicas e de pesquisa nas áreas de sociologia da América Latina, política e desenvolvimento, é coordenador do Grupo de Trabalho sobre Mercosul e Integração do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).

Na opinião de Sierra, é difícil falar da visão dos uruguaios com relação ao povo brasileiro pois a opinião varia conforme o nível de informação de cada grupo. Por outro lado, mesmo percebendo a uma nação tradicionalmente desenvolvida social e culturalmente, os uruguaios têm sua auto-estima diminuída quando se comparam aos demais povos latino-americanos: “O Uruguai sempre foi um país complexado pelo seu tamanho”.

Para o sociólogo, a Argentina, pode ter uma visão competitiva direta com o Brasil devido seu tamanho territorial e capacidade econômica. No caso uruguaio isso nunca ocorreu porque não há como competir em aspectos como os valores do produto bruto, o potencial do exército ou a dimensão demográfica. “Ou seja, não existe um problema de concorrência geopolítica com o Brasil.”

Pobreza – Diferentes condições reforçam a imagem do Brasil como um país pobre. Uma delas é a situação de pobreza que caracteriza toda a fronteira brasileira com as terras uruguaias. São pequenos povoados, poucas propriedades, pastos de má qualidade e zona de muito contrabando de autopeças. “Por isso a imagem de proximidade com o Brasil também é de pobreza.”

Para Sierra, além da condição econômica, aspectos étnicos e raciais influenciam na percepção que os uruguaios têm dos brasileiros. Descendentes na maioria de brancos, e de pouco convívio com a escravidão, os uruguaios vêem na mestiçagem brasileira, principalmente na presença da raça negra, a constituição de uma nação multicultural. Somado a isso, existe a grande extensão de terra. “Para os uruguaios, Brasil é o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro.” Com a diferença de tradições e com a heterogeneidade do povo brasileiro, fica difícil para o uruguaio imaginar um contato com os nordestinos, por exemplo.



Sociólogo afirma que pobreza caracteriza a fronteira entre o Uruguai e o Brasil

Potência – Para a maioria dos uruguaios custou muito entender que o Brasil é uma potência regional, dinâmica e industrializada. Essa percepção começou a mudar a partir do momento em que estudantes uruguaios vieram fazer pós-graduação no Brasil e exilados políticos passaram a conviver com um país de grandes cidades, longas rodovias, desenvolvimento tecnológico e urbano. A instalação de indústrias multinacionais no Brasil também contribuiu para a imagem de um país industrializado.

Para os uruguaios, Brasil é o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro

Se, por um lado, os contatos dos exilados políticos com o Brasil contribuíram para que as elites mudassem seu conceito sobre o nosso país, o contrabando de autopeças fez com que os mais pobres também passassem a ver o país vizinho como uma nação desenvolvida economicamente. Os uruguaios nunca viram o Brasil como um país imperialista. “O que predominava era uma idéia de escravidão. Du-

rante muitos anos houve intercâmbio na área dos esportes, jogos e campeonatos, quando havia intenso contato com brasileiros afro-descendentes”.

Sierra, que é uma liderança latino-americana na discussão sobre o Mercosul, diz que este projeto tem ajudado em certa medida na qualificação do conceito brasileiro em alguns setores de seu país. A imagem de uma economia brasileira determinante no desenvolvimento da região fortaleceu-se com a veiculação de estatísticas nos jornais e palestras de técnicos brasileiros.

Por outro lado, com base em suas investigações, Sierra detecta a resistência das elites uruguaias em aceitar o Brasil no mesmo nível da Argentina com relação ao futuro do Uruguai. Isso se verifica um pouco menos na elite empresarial, devido a sua ótica de lucro. “A tendência é privilegiar o relacionamento e a troca de informações com a Argentina em vez do Brasil.”

Essa tendência é reforçada na sociedade em geral com a escassa veiculação de notícias sobre o Brasil. Em contrapartida, tudo o que acontece na Argentina, ganha visibilidade nas páginas da imprensa uruguaia. “Isso ocorre, em primeiro lugar, por questões históricas e de idioma. Ambos foram colônias espanholas e a proximidade entre Buenos Aires e Montevideu aumenta a integração.”

Esta é uma das razões por que as elites uruguaias consideram a Argentina mais importante para o futuro de seu país. “É preciso uma mudança mental.” Sierra acredita que isso vai acabar acontecendo ainda que lentamente. Por outro lado, ele constata que todo uruguaio que vem morar no Brasil sente-se facilmente integrado, sem dificuldade de comunicação. “O Brasil é muito envolvente, aceita muito fácil os estrangeiros, principalmente os sul-americanos, isso não ocorre nos outros países da América Latina.”

Nosso país visto por estudantes de Sociologia

Durante o 25º Congresso da Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS) realizado na UFRGS, de 23 a 25 de agosto, o *Jornal da Universidade* procurou saber o que pensam alguns estudantes de Ciências Sociais provenientes de outros países latino-americanos. Foram entrevistados jovens integrantes das delegações argentina e paraguaia que participaram do evento em grande número.

Ana, 21 anos, Argentina

“Antes de conhecer os brasileiros, me parecia um povo muito patriótico e que os argentinos teriam um pouco de resistência no convívio.”

Maria Inês, 22 anos, Argentina

“É um povo espontaneamente muito amável e hospitaleiro. Pelo que via deste país, pensava que aqui havia muita festa e carnaval. Mas em Porto Alegre vi muitas atividades, muita organização e pessoas acostumadas a tratar com turistas.”

Carlos, 55 anos, Argentina

“Tenho muitos amigos aqui, por isso minha percepção é boa. Somos todos latino-americanos. O Brasil é o país maior da América, um dos que têm maior população e muita pobreza. Acho que Brasil e Argentina são os maiores da América do Sul.”

Horácio, 25 anos, Paraguai

“É um povo alegre e motivado. Embora exista muita tecnologia, pude ver que há grande pobreza. Há muita diferença econômica na população.”

José Carlos, 25 anos, Paraguai

“Acho que, em geral, é um povo nacionalista, muito orgulhoso de seu país. Isso se traduz no governo, independente da corrente política. Aqui é dada muita importância às questões nacionais, muitas vezes em detrimento dos demais países latino-americanos. Pode haver um discurso de integração mas, normalmente, as políticas são protecionistas em relação aos interesses brasileiros. Isso é o resultado do sentimento de um povo que é muito orgulhoso de sua nação. Com uma política de governo, em certo sentido, egocêntrica.”

Alberto, 25 anos, Paraguai

“É um povo de cultura muito livre, mas depende da região do país. A má distribuição de renda contribui para que haja muita violência. Considero o Brasil um país muito violento. Como turistas, pensamos duas vezes antes de entrar no país.”

Fernandez, 23 anos, Paraguai

“Penso que o Brasil está passando por um processo político muito difícil. Aqui há progresso porque o povo é muito trabalhador, alegre e divertido. Também é hospitaleiro, mesmo com desconhecidos. Difícil encontrar esta recepção em outros lugares.”

Pedro, 22 anos, Paraguai

“É um pouco difícil definir o brasileiro como feliz ou trabalhador porque o Brasil é um país multicultural. Nós sempre fomos dependentes do Brasil e nos sentimos identificados com a música, a organização e com a maneira de viver. Acho que o Brasil é desenvolvido, embora haja muita desigualdade social.”



Estátua do General José Artigas

CRISTINA LIMA



Prótese de mandíbula criada na UFRGS

Engenharia Pesquisadores usam material bioativo para solucionar seqüelas de câncer bucal

Jacira Cabral da Silveira

Depois de uma alimentação à base de papas e mingaus durante três anos, Marília Silva (nome fictício), 45 anos, comemora numa churrascaria o implante de uma mandíbula em material bioativo. Até então ela vinha usando uma placa metálica no lugar de parte da mandíbula original afetada por um câncer.

A prótese foi desenvolvida no Laboratório de Biomateriais (Labiomat), do Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da UFRGS, sob a coordenação do professor Luís Alberto Santos e a colaboração de seu orientando Eubirajara Medeiros em parceria com uma empresa de implantes gaúcha. A paciente chegou à Universidade trazida por seu cirurgião, doutor Miguel Luciano Silva, que procurou no Labiomat parceria para recuperar a função mastigatória e estética da mandíbula de Marília.

O inédito da prótese, segundo o engenheiro Luís Alberto, é o uso e o processo de uso do material bioativo hidroxiapatita, um composto de cálcio e fósforo, que pode ser produzido em laboratório. Desde o seu doutorado, ele vem desenvolvendo uma série de experimentos com esse material, chegando a encaminhar duas solicitações de patentes, mas como se passaram oito anos sem receber qualquer resposta, ele resolveu trazer a público o resultado de seus últimos estudos.

No caso da prótese de mandíbula, o procedimento foi adicionar água ao composto em pó, resultando em um tipo de cimento moldável. Dessa forma, foi possível reconstituir a mandíbula danificada em função do câncer bucal de Marília. No ano passado, ela vinha reclamando de dor ininterrupta, que dificultava ainda mais sua alimentação. A placa de titânio implantada há três anos, além de não dar suporte à mastigação e proporcionar uma aparência anti-estética, começou a perfurar a pele. A dor provinha da grande presença de fibrose ao longo da superfície da placa. "Fibrose é uma camada de fibras de tecido que se constitui em decorrência de reação inflamatória," explica o engenheiro.

A solução precisava acabar com o sofrimento da paciente e interromper o processo degenerativo do implante anterior.

Baixo custo – Para chegar à estrutura final, foi um longo processo de modelos em diferentes materiais. O cirurgião de Marília, passou aos pesquisadores da UFRGS o protótipo de mandí-



O professor Luís Alberto acredita que a tecnologia nacional reduz custos e melhora a qualidade dos biomateriais

bula a ser reconstituída por Luís Alberto e Eubirajara Medeiros, orientando de doutorado do Departamento de Engenharia de Materiais. O primeiro protótipo foi moldado em cera, depois em acrílico e, finalmente, em titânio. Entretanto, este último material não daria certo por apresentar vários inconvenientes. A placa não poderia ser maciça em função do peso e pontas e cantos talvez viessem a perfurar a pele novamente.

Uso de biomateriais permite melhor recuperação cirúrgica e clínica

A partir destes inconvenientes, surgiu a idéia de usar o material bioativo hidroxiapatita para revestir e dar formato à prótese. Luís Alberto diz que, no Departamento de Materiais, já trabalhava com este pó de fosfato de cálcio, produto similar a um osso sintético. Uma das vantagens, segundo o engenheiro é que a hidroxiapatita é um material biocompatível com o organismo, ou seja, que não causa reação interna. Mesmo sendo muito empregado em pequenos reparos odontológicos, este material nunca havia sido usado no formato de mandíbula.

Luís Alberto atribui o pouco uso da hidroxiapatita no Brasil a duas razões: primeiro, porque não é produzida no País, segundo, porque o custo de importação é muito alto. "Um grama importado sai em torno de 200 dólares," comenta o pesquisador. Só que a hidroxiapatita produzida no Departamento de Engenharia de Materiais da UFRGS teve um custo equivalente a quatro reais o grama. Além de ressaltar a vasta aplicação deste material biocompatível em forma de "cimento", como chama o preparado que desenvolveu, Luís Alberto enfatiza a possibilidade de empregá-lo a baixo custo ao ser produzido aqui mesmo no Brasil.

Resultados – Uma semana após a cirurgia, Marília apresentava uma abertura bucal de aproximadamente 20mm e, após três meses, até 42mm. Em média uma pessoa tem abertura bucal de 40 a 52 mm. Também não foram constatadas ocorrências infecciosas ou intolerância aos biomateriais empregados, e a função mastigatória foi normalizada.

Segundo conclusão dos pesquisadores, o uso de biomateriais torna possível o restabelecimento de forma e função com boa previsibilidade de resultados, com menor morbidade, quando comparado a terapias de regeneração óssea nas quais se faz necessário

Materiais usados em implantes

O Laboratório de Biomateriais do Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da UFRGS desenvolve pesquisas com materiais implantáveis, como as biocerâmicas, fosfato de cálcio e biopolímeros absorvíveis. Eles têm a seguinte classificação:

Os materiais *biotolerados* são aqueles que não têm muita aceitação pelo corpo humano, por isso o organismo cria uma capa fibrosa em torno dele, evitando assim o contato direto: "é como um saquinho de lixo em volta do metal," explica o engenheiro de materiais, Luís Alberto Santos.

Os materiais *bioinertes* são mais tolerados pelo organismo. Em contato com ele, o corpo humano não produz tecido fibroso. São as cerâmicas e o titânio, também muito usados na ortopedia.

Os materiais *bioativos*, quando colocados em contato com o tecido ósseo, não despertam qualquer

estranhamento, devido à sua composição muito semelhante à dos ossos, ligando-se quimicamente. O osso é uma mistura de cálcio, colágeno e fósforo e o material bioativo é composto pela parte mineral do osso, a hidroxiapatita.

Os materiais *absorvíveis* são aqueles que, com o tempo, acabam sendo englobados pelo organismo.

Para Luís Alberto, o ideal seria que todos estes materiais fossem absorvíveis pelo organismo porque, só assim, não seriam necessárias duas cirurgias: uma para colocar as placas e parafusos e outra para retirá-los depois da consolidação óssea. Ele também adverte para outro fato importante: "O aço para cirurgia chama-se aço 316L. Se alguém com uma prótese for barrado por um detector magnético, pode procurar o médico, porque deve haver alguma coisa errada, pois o aço usado em implantes não é magnético."

uma região doadora, que dobram os riscos de intercorrências por reabsorção ou infecção. Além disso, o paciente se recupera em menor tempo cirúrgico e clínico.

Os resultados estão sendo apresentados em diferentes encontros científicos, e já existem dois novos trabalhos de prótese de mandíbula realizados pelos

pesquisadores da UFRGS: numa paciente gaúcha e noutra, brasileira.

"Com tecnologia nacional o custo é menor e a qualidade muito melhor do que a do similar importado. No exterior um procedimento deste gênero está custando em entre 70 e 80 mil reais", calcula Luís Alberto.





O western e a invenção das fronteiras americanas

Cinema Sala Redenção terá ciclo de filmes e debates sobre gênero que marcou a formação da cultura dos Estados Unidos

Ânia Chala

De 24 de outubro a 5 de novembro, o Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e o Museu da UFRGS promovem o projeto de extensão "História dos EUA: o western e a invenção das fronteiras americanas", apresentando uma seleção de filmes seguidos de debates organizados por professores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em História. O projeto, que já teve uma primeira edição em setembro, no Campus do Vale, conta com o apoio do grupo de trabalho "Fronteiras Americanas" da Anpuh, Associação Nacional de História.

Segundo o coordenador da atividade, professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, o objetivo é discutir como a idéia da fronteira, marcante na formação da cultura norte-americana, foi

propalada pelo cinema, num gênero tão popular como o western. Para ele, quem "inventou" a fronteira foram os literatos do século XIX, em especial o escritor James Fenimore Cooper (1789-1851). O professor ressalta que o cinema e sua irmã gêmea a história em quadrinhos popularizaram entre as classes iletradas dos EUA e fora delas as idéias de uma terra a conquistar, o combate aos "outros" (índios, mexicanos etc) e os valores de liberdade, espírito empreendedor e valentia como características básicas do norte-americano típico; neste sentido, o gênero "western" reinventou um modelo de "herói" que, individualmente quase sempre, leva avante a "civilização", bem entendida como o modo norte-americano de ser.

Guazzelli também destaca que as produções do cinema, antigas e atuais, reproduzem os estere-

ótipos do gênero, pois "todos os filmes de Tarzan têm este modelo; a versão de "El Cid" – que inicia o ciclo – também; mais contemporaneamente, a série "Guerra nas Estrelas" recria fora do planeta o mesmo clima e as mesmas idéias". Portanto, diz ele, o western é um modelo que deu certo, porque foi produto do romantismo na literatura do século XIX, que tratava de "inventar" as nações, e que teve uma eficiente recriação por instrumentos tão caros à cultura de massas como o cinema (mais tarde redimensionado pela televisão) e a história em quadrinhos.

Os filmes e debates serão realizados na Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. – Campus Centro), em sessões às 18h30min, com entrada franca. Mais informações podem ser obtidas no Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277 – Campus Centro), ou pelo telefone 3316-3034.

Programação

24/10 – El Cid (EUA, cor, 1961, 184 min.), de Anthony Mann. A trajetória de Rodrigo Díaz de Bivar, El Cid, herói espanhol do século XI que uniu os católicos e os mouros do seu país para lutar contra um inimigo comum. Com Charlton Heston e Sophia Loren. Tema: Fronteiras e fronteiriços – antecedentes ibéricos. Debatedor: José Rivair Macedo.

25/10 – O último dos moicanos (The last of the Mohicans, EUA, cor, 1992, 113 min.), de Michael Mann. Na América Colonial, durante a guerra entre ingleses e franceses, homem criado por indígenas moicanos luta pela preservação da ética de seu povo. Com Daniel Day-Lewis. Tema: Fronteiras e fronteiriços – pioneiros e índios na Nova Inglaterra. Debatedor: Renata Dal Sasso Freitas.

26/10 – Mais forte que a vitória (Jeremiah Johnson, EUA, cor, 1972, 116min.), de Sydney Pollack. Desiludido com a civilização, homem parte para as montanhas nevadas em busca de paz e tem de lutar contra a fome, o frio e os índios. Com Robert Redford e Will Geer (foto abaixo). Tema: Fronteiras e fronteiriços – pioneiros e índios nas Montanhas Rochosas. Debatedor: Tais Campelo Lucas.



27/10 – Álamo (The Alamo, EUA, cor, 1960, 157 min.), de John Wayne, que produziu, dirigiu e estrelou este relato de um dos aconte-

cimentos mais marcantes da história dos EUA. Em Álamo (foto ao lado), 185 soldados resistiram a um exército de 7 mil homens. Com Richard Widmark e Laurence Harvey. Tema: Fronteiras e fronteiriços – pioneiros e a república da estrela solitária. Debatedor: Cesar Augusto B. Guazzelli.

28/10 – O dólar furado (Un dollaro bucatato, Itália, cor, 1965, 90 min.), de Calvin Padgett. Ao final da Guerra de Secessão, ex-jesticeiro parte em busca de uma nova vida. Ao chegar a um povoado, recebe de um banqueiro proposta que irá mudar seu destino. Com Giuliano Gemma. Tema: Disputas pela terra - o oeste depois da Guerra da Secessão. Debatedor: Rafael Hansen Quinsani.



31/10 – Os brutos também amam (Shane, EUA, cor, 1953, 118 min.), de George Stevens.

Forasteiro solitário afugenta desordeiros pagos para desocupar terras de uma cidade e é idolatrado por fazendeiros da região (foto acima). Com Alan Ladd e Van Heflin. Tema: Disputas pela terra - criadores (ranchos) contra agricultores (farms). Debatedor: Tiago Maciel.

1/11 – No tempo das diligências (Stagecoach, EUA, P&B, 1939, 96 min.), de John Ford.



Grupo heterogêneo viaja numa diligência que é atacada por índios em pé-de-guerra. Com John Wayne e Thomas Mitchell. Tema: Os fora-da-lei – a civilização que chega e os indesejáveis que saem. Debatedor: Sílvia Sônia Simões.

3/11 – Cavalcada dos proscritos (The long riders, EUA, cor, 1980, 100 min.), de Walter Hill. A história da quadrilha de Jesse James. Com David, Keith e Robert Carradine. Tema: Os fora-da-lei – as armas da civilização contra os bandidos sociais. Debatedor: Dante Guimaraens Guazzelli.

4/11 – Era uma vez no Oeste (Once upon a time in the west, EUA/Itália, cor, 1968, 166 min.), de Sergio Leone. A dureza da corrida do ouro nos Estados Unidos é mostrada através da história de pistoleiro de aluguel. Com Claudia Cardinale, Henry Fonda e Jason Robards. Tema: Os fora-da-lei - a civilização vencedora no oeste. Debatedor: Fernanda B. Panerai.

5/11 – Pequeno grande homem (Little big man, EUA, cor, 1970, 150 min.), de Arthur Penn. Em 1859, ancião relembra os 50 anos em que viveu entre os índios cheyennes, aprendendo a amar e respeitar a cultura dos peles-vermelhas. Com Dustin Hoffmann e Faye Dunaway. Tema: Disputas pela terra – o fa-

roeste e a última fronteira americana. Debatedor: Arthur Lima de Ávila.

FOTOS: REPRODUÇÃO / THE ENCYCLOPEDIA OF WESTERN MOVIES

Resenhas

Por Caroline da Silva

Pontos de escuta e análise

A obra bilingüe traz a conferência de abertura e nove ensaios selecionados do V Congresso da Seção Latino-americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular (IASPM-AL), ocorrido no Rio de Janeiro, de 21 a 25 de junho do ano passado. Quatro pontos nortearam os trabalhos apresentados: (des)territorialização, gêneros musicais, pontos de escuta e violência. Segundo a organizadora Martha de Ulhôa, os artigos abordam a música popular urbana na América Latina desatcando "a problemática da identidade, da construção de território e da convivência com alguma forma de conflito (inclusive acadêmico)". Samba, vallenato, tangos, habaneras, trilhas de filmes são alguns dos focos dos textos analíticos, ora em espanhol, ora em português, desenvolvidos dentro da etnomusicologia, antropologia, estudos culturais, teoria literária, história cultural...

Destinado a estudantes e pessoas interessadas em música popular na América Latina, "o livro tem a vantagem de comprimir, em um volume prático, textos de pesquisadores experientes, que dialogam de forma crítica com a literatura internacional de ponta, criando soluções analíticas instigadoras para quem deseja trilhar o caminho nos estudos em música popular", como afirma Maria Elizabeth Lucas na apresentação. A coordenadora da Série Estudos Musicais (parceria da Editora da UFRGS com o Programa de Pós-graduação em Música da Universidade), da qual a publicação faz parte, afirma que os ensaios apontam diversos "pontos de escuta" para o mesmo objeto: a música popular.

Martha Tupinambá de Ulhôa é doutora em Musicologia pela Universidade de Cornell (EUA); professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), lecionando no Instituto Villa-lobos e no Programa de Pós-graduação em Música do Centro de Letras e Artes; e pesquisadora do CNPq. Tem publicado livros sobre análise da canção e sobre vários gêneros de música brasileira popular. A antropóloga colombiana Ana María Ochoa é doutora em Etnomusicologia e Folclore pela Universidade de Indiana e professora do Departamento de Música da Universidade de Columbia 11, EUA. Atualmente, dirige o Centro de Estudos Culturais do Instituto Colombiano de Antropologia. Editora do ramo latino-americano da IASPM, gestão 2002/2004 e pesquisadora de temas como nacionalismo, políticas culturais, música e violência.



MÚSICA POPULAR NA AMÉRICA LATINA: PONTOS DE ESCUTA

Ed. UFRGS, 245 p.
R\$ 24*, organizado por Martha Ulhôa e Ana Maria Ochoa

REPRODUÇÃO / EDITORA DA UFRGS

O papel da ação partidária

Constituído da tese de doutorado da autora, escrita em 1999, *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)* é um grande livro não só por trazer muitas e ricas informações em grande número de páginas, mas também por se configurar numa obra de referência na área. A orientadora da pesquisa e responsável pelo prefácio, professora Céli Regina Jardim Pinto, especifica que se trata de "uma iniciativa que muda qualitativamente o panorama da produção acadêmica sobre a política gaúcha".

A autora aborda dois momentos da composição político-partidária do período: as eleições e suas campanhas e o exercício do governo. Cânea parte da afirmação de Lamounier: "A democracia do período 1945-1964, certamente limitada, deu lugar a um regime militar-autoritário que também não quis ou não pôde dispensar por completo os mecanismos formais do anterior sistema liberal-representativo".

É importante ressaltar que a leitura também facilita em muito o entendimento da formação do recente sistema partidário nacional. A autora conclui: "Como instituições-chave da arena política, e por importantes que sejam as alterações que se verificam no seio da sociedade, o contexto atual reservaria ainda um papel ativo, de suma importância, a ser desempenhado pelos partidos políticos".

Mercedes Maria Loguerio Cânea é doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduiu-se em Ciências Sociais também na UFRGS, em 1967, tendo realizado especialização em Antropologia, Ciência Política e Sociologia na mesma universidade em 1974. Atualmente é professora do Departamento de Ciência Política da UFRGS.



PARTIDOS E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

Ed. UFRGS, 431 p.
R\$ 32*, de Mercedes Maria Loguerio Cânea

REPRODUÇÃO / EDITORA DA UFRGS

* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS



Por que cultuamos a figura do gaúcho

Tradicionalismo Pesquisador diz que a valorização do gaúcho é resultado do processo de mundialização

Ânia Chala e Ademair Vargas de Freitas

Ruben George Oliven é professor do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS e atua junto ao programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Coordena o Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas, no qual estuda temas como o nacionalismo e o regionalismo, em especial no Rio Grande do Sul e no Brasil. Trabalha também com música popular e com questões relacionadas a antropologia urbana e cultura popular. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia e recebeu o *Prêmio Érico Vannucci Mendes* por sua contribuição ao estudo da Cultura Brasileira.

Nesta entrevista ele fala do porquê do culto ao gaúcho, quais as origens desse fenômeno e as causas de sua persistência e disseminação por outras regiões do Brasil e até no exterior.

No próximo ano, o professor Oliven irá lançar, pela Editora Vozes, uma segunda edição atualizada de "A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação", obra publicada em 1992, que investiga por que, no final do século XX, quando se falava tanto em globalização, havia uma volta ao local, ao particular e à questão étnica. O livro também foi publicado em espanhol, pela Editora da Universidade de Buenos Aires, e em inglês, pela *Columbia University Press* (EUA), tendo recebido o prêmio de Melhor Livro do Ano concedido pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

JU – De onde veio o seu interesse pelo gaúcho e sua cultura?

Ruben Oliven – Durante o processo de abertura do País, do final dos anos 70, falava-se muito em cultura. Minha hipótese era de que novos atores sociais haviam surgido, como os movimentos feministas, *gays*, ecologistas e o regionalismo gaúcho, e tentavam se afirmar criando novas identidades sociais. Identidades sempre se criam buscando diferenças ou contrastes, pois para ter uma identidade preciso dizer que sou diferente de outros e essas diferenças eram buscadas na cultura brasileira. No livro que lancei em 1992 procurei mostrar como, no fundo, a modernidade recria a tradição e como a globalização termina reforçando o local. Resolvi estudar o que estava acontecendo no Rio Grande do Sul, como um exemplo desse fenômeno mundial e também porque os gaúchos sempre são vistos como um tipo social específico, tanto na literatura mais especializada, como no senso comum. Investigando o que era essa tensão entre o nosso estado e o Brasil acabei vendo que há um discurso constantemente reafirmado e atualizado de que nós gaúchos somos parte do Brasil, mas não o somos como outros brasileiros e sim por escolha. Aí entra sempre a Revolução Farroupilha. O Rio Grande do Sul poderia ter sido parte do império espanhol ou do português, como poderia também

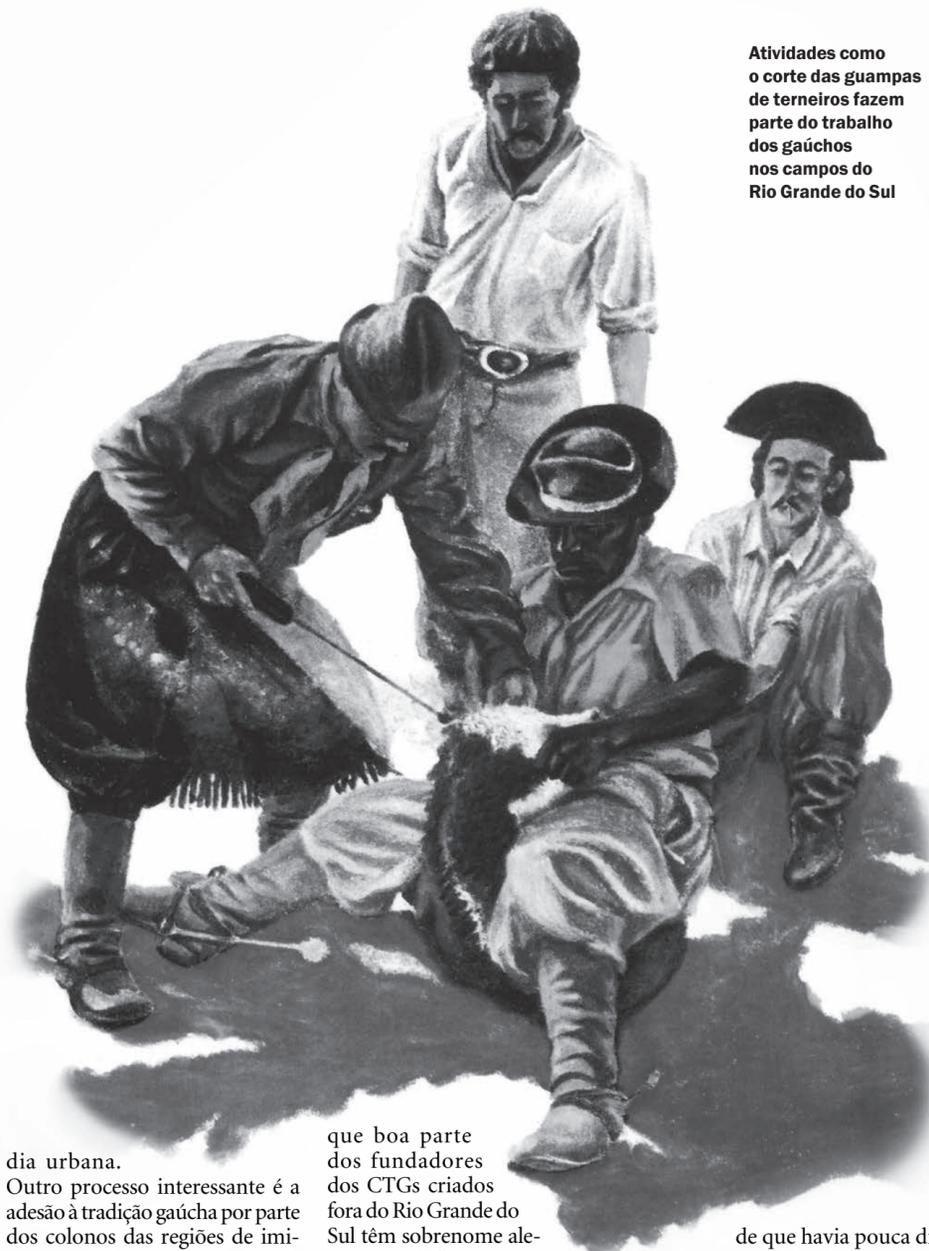
ter se tornado um país independente, já que proclamou uma república. Mas os gaúchos decidiram fazer parte do Brasil e isso envolveu um preço, avaliado pelas constantes injustiças que são feitas em nível federal com o nosso estado. Depois há o fato do nosso estado exercer uma espécie de papel pedagógico em relação ao Brasil, sendo chamado a intervir em momentos como a Revolução de 1930 e a Legalidade, em 1961. Além disso, somos um estado com grande emigração. O último censo mostrou que mais de um milhão de pessoas nascidas no Rio Grande vivem fora das nossas fronteiras. E onde tem gaúcho, tem CTG. O levantamento mais recente que fiz mostra que em torno de 37% desses centros situam-se fora do RS. Isso sem falar nos que estão no exterior: até no Japão há um centro que se chama CTG do Sol Nascente. Atualmente, há cerca de 2.500 CTGs no Rio Grande do Sul, no Brasil e no exterior, rádios que só tocam música nativista, mais de 40 festivais de música, jornais inteiramente dedicados ao tema. Até os *shopping centers* têm lojas que comercializam artigos gaúchos.

JU – O senhor falou antes que esse processo de revalorização das tradições gaúchas surgiu junto com o recrudescimento da globalização. Isso seria uma resposta?

RO – Apesar das novas tecnologias comprimirem cada vez mais tempo e espaço, boa parte das coisas que fazemos ainda é fortemente marcada pelo nacional. Mesmo que eu fale vários idiomas, tenho uma primeira língua, que é aquela em que penso melhor, na qual eu sonho e xingo melhor. De alguma maneira, o local se torna mais forte justamente porque o mundo está cada vez mais em contato e as pessoas mais preocupadas com suas raízes.

JU – E a que se deve esta preservação das tradições, especialmente por parte daqueles que deixam o nosso estado?

RO – A tradição é sempre uma recriação do passado a partir do presente. É um pouco como a memória, pois se eu pedir que alguém fale de sua infância, provavelmente esta pessoa valorizará o que achar mais conveniente. Com a tradição ocorre o mesmo: é sempre uma seleção, feita a partir do presente de coisas que teriam acontecido no passado. O tradicionalismo que conhecemos modernamente e que tem a ver com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), surge em 1948, com jovens vindos da região da Campanha, onde existiu e existe um tipo social chamado gaúcho, o peão de estância, o cavaleiro que cuida do gado etc. Esse jovens, ao chegar a Porto Alegre, sentiram-se perdidos e resolveram recriar a tradição a partir do que conheciam. No começo, eles não têm muito sucesso, porque a nossa capital se pretendia uma cidade cosmopolita e não queria ouvir falar de rapazes andando de bombacha. Mas, na década de 80, o tradicionalismo passa a ser considerado como coisa "chique", sendo aceito pelos jovens da classe mé-



Atividades como o corte das guampas de terneiros fazem parte do trabalho dos gaúchos nos campos do Rio Grande do Sul

REPRODUÇÃO / PINTURA: EDISON ACH / LIVRO O GAÚCHO: USOS E COSTUMES

dia urbana.

Outro processo interessante é a adesão à tradição gaúcha por parte dos colonos das regiões de imigração alemã e italiana. Muitas vezes, eles migravam para áreas pouco habitadas em outros estados, tornando-se grandes proprietários de terras e, uma vez bem-sucedidos, a primeira coisa que faziam era comprar um cavalo. O cavalo é visto como um símbolo de ascensão social, pois na Europa, de onde vieram os antepassados desses colonos, ele era um animal dos nobres. O resultado é

que boa parte dos fundadores dos CTGs criados fora do Rio Grande do Sul têm sobrenome alemão ou italiano, e não luso. Na verdade, essas pessoas estão cultuando a figura do gaúcho que não existia na região deles, até porque o termo colono é desvalorizado no RS.

JU – E por que isso?

RO – Primeiro, porque o gaúcho tem algumas características muito emblemáticas. Ele manteve a integridade territorial, exercendo uma função heróica ao lutar contra os inimigos internos e externos. Basta lembrar que o Rio Grande do Sul teve a maior guerra civil da história brasileira, a Revolução Federalista de 1893-1895. Segundo, porque ele está a cavalo, o que lhe dá uma superioridade física e simbólica. Terceiro: ele enfrenta uma natureza ampla, o vasto pampa. Então, é um tipo que se rebela e não aceita o que acha injusto. Além disso, tem a indumentária, que é fácil de reproduzir num desenho, por exemplo. Basta representar um homem de bombachas e chapéu. Aliás, as mulheres que gostam do gauchismo, preferem usar bombacha ou xiripá a usar vestido de prenda. No começo do século passado, o escritor Oliveira Viana descreveu o que chamou de democracia social no RS. O que não é verdade, obviamente. Por que ele achou isso? Porque o dono da estância tinha um estilo de vida muito mais simples que o de um dono de engenho no Nordeste. Acordava cedo, saía com a peonada, tomava mate, fazia todas as atividades. Por isso a ideia era

de que havia pouca diferença social. Claro, um era proprietário e o outro não, um mandava, o outro não, mas estavam juntos. O chimarrão, de alguma maneira, se presta a isso. A própria ideia do CTG também: é um clube aberto, no qual se reúnem filhos, pais e avós.

JU – Como poderá evoluir o gaúcho?

RO – Acho difícil fazer projeções, mas a tendência mostra que o gauchismo é uma coisa forte que veio para ficar. Não é uma moda, nem algo inventado pelos meios de comunicação. Ao contrário, os meios de comunicação se deram conta de que isso tinha potencial publicitário. Eu tendo a dizer que o gauchismo vai continuar e, enquanto houver gaúchos que saiam do Rio Grande do Sul, isso vai ser muito forte também no resto do Brasil e no exterior. Em 1937, Getúlio Vargas, numa cerimônia realizada no Rio de Janeiro, mandou queimar todas as bandeiras estaduais, inclusive a do Rio Grande do Sul. Hoje, a gente está vivendo um momento completamente diferente. Já se pode ter uma universidade federal como a UFRGS em que se canta o hino do Estado, que é o hino dos revolucionários farroupilhas, em todas as cerimônias oficiais realizadas no Salão de Atos da Reitoria. Antes, o Brasil estava menos integrado e precisava se afirmar enquanto país. Agora, é possível afirmar o orgulho de ser gaúcho, sem deixar de ser brasileiro. Há mais espaço para afirmar a diferença.

“Nós gaúchos somos parte do Brasil, mas não como outros brasileiros e sim por escolha”



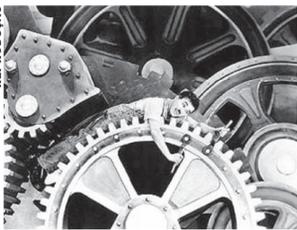
FLAVIO DUINA



▶ CINEMA/DVD/VÍDEO

Trabalho e cinema: um olhar sociológico

Ciclo de filmes e debates promovido pelo Departamento de Sociologia e Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Trabalho (Niest) do IFCH. Em outubro serão exibidos: "Tempos modernos" (*Modern times, EUA, 1936, 87 min.*), de Charles Chaplin (*foto abaixo*), no dia 4, seguido de debate com o professor Fernando Cotanda; e "A classe operária vai ao paraíso", (*La classe operaia va in paradiso, Itália, 1971, 125min*), de Elio Petri, no dia 20, com debate com o professor Mauro Roese. Local e horário: Sala Multimeios do IFCH (Av. Bento Gonçalves, 9500 - Campus do Vale), às 18h30min. Entrada franca



Os olhos do pianista

(RS, 2005, 35mm, 4'30"), de Frederico Pinto.

Projeto Unifilme exhibe curta-metragem sobre pianista cego que interpreta ao vivo, com a ajuda de sua neta, os sentimentos que brotam da tela de um filme mudo. O filme recebeu o prêmio de Melhor Direção de Arte no 33º Festival de Gramado.

Datas: 6, 7 e 8 de outubro, quinta, sexta-feira e sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 16h, nos dias 6 e 7; e às 10h, no dia 8
Entrada franca

▶ CURSOS E PALESTRAS

Ferramentas para a composição de música eletrônica

Curso sobre a utilização de síntese sonora em composição, processamento e organização dos sons pelo computador, com aulas ministradas pelo professor Eloy F. Fritsch.

Data: 18 de outubro até 13 de dezembro, às terças-feiras.

Local e horário: Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes, das 19h às 21h30min.

Inscrições: até 13 de outubro, no local de realização do curso.

Informações: 3316-4329 ou no site www.musicaeletronica.ufrgs.br

II Encontro escravidão e liberdade no Brasil meridional

O evento é uma promoção conjunta da UFRGS, UFSC, UEPG e UEL.

Data: 26 a 28 de outubro

Local e horário: Campus do Vale da UFRGS, das 8h às 20h

Inscrições até 15 de outubro, com envio de dados para o endereço castro2emppoa@gmail.com

▶ PLANETÁRIO

Projeto Selene

Observação direta do céu através de telescópios instalados no pátio do Planetário. A atividade será cancelada em caso de céu encoberto.

Data: 8 e 9 de outubro, sábado e domingo.

Local e horário: Planetário, logo após o pôr-do-sol.

Entrada franca com estacionamento gratuito

Ilhas urbanas

(RS, 2005, cor, 38 min), de Flávia Seligmann.

Exibição para o projeto Cinema, Pesquisa e Extensão do documentário sobre alternativas do serviço público de saúde mental em Porto Alegre. A produção partiu de uma pesquisa chamada "Modos de trabalhar, modos de subjetivar no contexto da reforma psiquiátrica", realizada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, por Cláudia Perrone e Selda Engelman, do Mestrado em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

Data: 17 a 21 de outubro, segunda a sexta-feira

Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min

Entrada franca.

Antropologia no cinema

Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Departamento de Antropologia realiza ciclo de filmes e debates sobre as cidades e a vida urbana, com as temáticas paisagens em transformação e cotidiano. Serão exibidos os documentários: "Memórias do mundo" (*Brasil, 2002, cor, 45 min.*), de Ana Luíza Carvalho da Rocha e Maria Henriqueta Satt; "das garAgens" (*Brasil, 2004, cor, 40 min.*), de Julia Aguiar e Douglas Aguiar, no dia 4 de outubro; e "Tempos vividos e narrados: antropologia visual e sonora em Cachoeira do Sul-RS" (*Brasil, 2003/2005, cor, 35 min.*), no dia 11 de outubro. Este vídeo apresenta o resultado da experiência de estudantes iniciantes na pesquisa etnográfica com instrumentos visuais e sonoros.

Local e horário: Sala Redenção, 19h30min

Entrada franca.

Metamorfoses da cultura contemporânea

Seminário que integra o projeto Copesul Cultural e homenageará Jean Baudrillard, sociólogo e crítico cultural. Participam, além do homenageado, Michel Maffesoli, Sérgio Paulo Rouanet, Eduardo Portella, Gianni Vattimo, Muniz Sodré, Carlos Roberto Cirne Lima, Renato Janine Ribeiro, Donald Schüler e Arnaldo Jabor.

Data: 17 a 19 de outubro, segunda, terça e quarta-feira.

Local e horário: Salão de Atos da UFRGS.

Informações e inscrições: 3226-3111

Supercondutividade e suas aplicações

O professor Paulo Pureur Neto, do Instituto de Física explica o que é a supercondutividade, descrevendo propriedades e aplicações tecnológicas.

Data: 13 de outubro, quinta-feira.

Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h.

Entrada franca.

Destaque

Panorama do samba instrumental

Grupo carioca Tia Ciata faz show e três oficinas gratuitas

O projeto Unimúsica apresenta, no dia 6 de outubro, quinta-feira, show com o grupo carioca Tia Ciata, que valoriza a riqueza rítmica, harmônica e melódica do samba.

Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata (1854-1924) foi a matriarca da chamada "Pequena África", região próxima à antiga Praça Onze, no Rio de Janeiro. Na casa dela surgiram alguns dos maiores expoentes da música brasileira, como Donga, João da Bahiana e Pixinguinha.

O repertório do espetáculo terá composições de Ary Barroso, Baden Powell, Donga, Dona Ivone Lara, Chiquinha Gonzaga, Dorival Caymmi, Pixinguinha e Villa-Lobos. Integram o Tia Ciata: Leandro Braga, piano e arranjos; Rogério Caetano, violão de sete cordas; Amoy Ribas, Mangueirinha, Pretinho e Nenê Brown, percussão.

O show será realizado às 19h, no Salão de Atos da UFRGS,



Integrantes do Tia Ciata, a partir da esquerda: Mangueirinha, Leandro Braga, Amoy Ribas e Rogério Caetano

com entrada franca. As senhas para ingressos podem ser retiradas na bilheteria do Salão de Atos a partir do dia 3 de outubro, das 12h às 18h, com doação opcional de alimento não perecível.

No dia 7, os integrantes do grupo farão três oficinas para

fissionais e estudantes de música. A primeira, ministrada pelos percussionistas Amoy Ribas, Mangueirinha, Pretinho e Nenê Brown, enfocará a execução do samba em seus instrumentos de percussão e as conduções das inúmeras variantes do samba: partido-alto, de enredo, de quadra, de roda, etc. A segunda, desenvolvida pelo violonista Rogério Caetano, irá destacar a harmonização do samba, as linhas de baixo e as diferenças do violão de sete cordas no samba e no choro. A terceira, oferecida pelo pianista Leandro Braga, irá mostrar as conduções do samba no piano solo e em grupo, a concepção de arranjo para um grupo instrumental de samba e o casamento da harmonia com a percussão. As oficinas serão realizadas no mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 17h. Informações e inscrições gratuitas pelos telefones 3316-3034 e 3316-3390.

Análise do discurso no Brasil em debate

Seminário reunirá especialistas na Sala II do Salão de Atos

O psicanalista Joel Birman e a analista do discurso Eni Orlandi são algumas das presenças já confirmadas para o II Sead, Seminário de Estudos em Análise do Discurso, que se realizará de 31 de outubro a 4 de novembro na Sala II do Salão de Atos da Reitoria da UFRGS.

A análise do discurso é, dentro do campo da linguagem, a teoria que trabalha com a noção de ideologia na constituição

do sentido, considerando que é, na materialidade lingüística que se articulam história e ideologia.

Promovido pela área de Teorias do Texto e do Discurso do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade, o encontro, que já é uma referência nacional nos estudos do discurso, terá por tema *O campo da AD no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. Em vista disto, serão realizadas três me-

tas-redondas sobre os entrelaçamentos da Análise do Discurso com outras disciplinas, mais especificamente: História, Filosofia e Psicanálise. Também haverá nove simpósios temáticos para debates das principais noções de AD e seus desdobramentos no Brasil. As inscrições podem ser feitas através do site www.discurso.ufrgs.br/sead. Mais informações pelo telefone 3316-7078.

▶ EXPOSIÇÕES

Produção artística em formato digital

Primeiro encontro internacional organizado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade Nacional de La Plata, Argentina, que estimula o uso de novas tecnologias na arte. Participam expositores da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, México e Uruguai. As obras serão expostas, simultaneamente, em todas as instituições participantes.

Visitação: 28 de outubro, das 9h às 18h

Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS

Entrada franca

Açores & Brasil: uma troca de experiências

Exposição em três segmentos sobre o patrimônio dos Açores (*foto ao lado*): *Angra do Heroísmo - registros de uma arquitetura, Freguesia do Ramo Grande e Arte do Azulejo em Portugal*. Curadoria da professora Anna Maria Py Daniel Busko.

Visitação: até 20 de outubro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h; sábado, das 12h às 17h

Local: Museu da UFRGS

Entrada franca

Agendamento para visitas de escolas ou grupos pelo telefone 3316-3034



AGNIO GAPE / FACULDADE DE ARQUITETURA

▶ TEATRO

The McKiller Girls - O passado nos fez assim

Espectáculo do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, dirigido pela aluna Carina Ninow. Três *serial killers* tramam seus crimes e relembram o passado. Com Elisa Viali, Gabriela Hening e Marina Medeiros.

Datas: 5, 19 e 26 de outubro, quartas-feiras

Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min.

Entrada franca

▶ MÚSICA

Música eletrônica acusmática

Apresentações de música eletrônica para a orquestra de alto-falantes, projeto coordenado pelo professor Eloy Fritsch, que divulga a produção do Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes da UFRGS.

Data: 18 de outubro, terça-feira

Local e horário: Museu da UFRGS, às 12h30min

Entrada franca

Informações: www.musicaeletronica.ufrgs.br

▶ Onde?

- Salão de Atos da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110
- Instituto de Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
- Planetário da UFRGS
Av. Ipiranga, 2000
- Núcleo de Fotografia da Fabco
Rua Ramiro Barcelos, 2705
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Sala Multimeios do IFCH
Av. Bento Gonçalves, 9500

Ivette Brandalise, agora na primeira pessoa

Anos 60 “Foi bom ter sido jovem na época mais criativa e perigosa da cultura gaúcha e brasileira”

Ademar Vargas de Freitas

Ela é jornalista, atriz, cronista, relações públicas, publicitária, psicóloga e brinca com cerâmica e com vidro enquanto se prepara para estrear no cinema fazendo o papel de uma velha malvada. Veio menina do oeste catarinense pensando em estudar Química Industrial para trabalhar na Perdigão, indústria do pai, mas acabou tirando Jornalismo. O pai quis criar um jornal na empresa, mas ela também estava interessada em teatro. Então, que fosse trabalhar para se sustentar.

Ela foi. Aceitou vaga de auxiliar de escritório na Olivetti para poder continuar no Teatro de Equipe, onde recebia salário mínimo. Além de atriz era responsável pela divulgação: redigia o texto, revelava e copiava as fotos feitas por Santos Vidarte e distribuía aos jornais, a pé, contando com a simpatia de editores como P. F. Gastal, no *Correio do Povo*, e Célia Ribeiro, no *jornal A Hora*.

A personalidade extrovertida, a elegância, o olhar penetrante e a voz grave e rouca de Ivette Brandalise sempre chamaram a atenção das pessoas. E certamente abriram portas ao longo de sua diversificada carreira de comunicadora. Ela pode ser ouvida nos sábados de manhã, na Rádio Cultura FM, induzindo entrevistados a recordarem trechos de suas vidas através das músicas que lhes fizeram a cabeça. E pode ser vista nos sábados à noite, na TVE, instigando figuras da comunidade a conjugar os verbos na primeira pessoa. Agora chegou sua vez de contar a própria história, cheia de lances inusitados e de personalidades das artes, da literatura e da comunicação.

Ivette: “Na UFRGS fiz Jornalismo e concluí Ciências Sociais, iniciado na PUC. Mais tarde, fiz Psicologia. Entrei para o Teatro Universitário convidada por Antônio Abujamra. Eu conversava no bar da PUC, e ele me olhou e disse: ‘Queres fazer teatro?’ Quando a UFRGS criou o Curso de Arte Dramática, tendo Ruggero Jacobi como diretor e Gerd Born-



“O segredo de uma boa entrevista é deixar o entrevistado à vontade para falar”

heim entre os professores, fiz teste e passei.” Dois anos depois, teve que abandonar o CAD: tinha feito uma ponta num espetáculo do Teatro Brasileiro de Comédia, que se apresentava em Porto Alegre, e era proibido fazer teatro fora do

“O Teatro de Equipe foi um centro de cultura e de resistência em Porto Alegre”

curso. Surgiu, então, o Teatro de Equipe, primeira experiência de teatro profissional em Porto Alegre, dirigido por Milton Mattos, Mário de Almeida, Paulo José e Paulo César Peréio, tendo no elenco Fernando Peixoto, Lílian Lemmert, Ítala Nadi. Mais que um teatro, o Equipe era um centro agregador de jornalistas, professores, escritores (Carlos Stein, Tânia Faillace, Moacyr Scliar, Lara de Lemos, Josué Guimarães), artistas plásticos (Xico Stockinger, Valdeni

Elias, Léo Dexheimer, Glênio Bianchetti, Vasco Prado), poetas (Fernando Castro, Sílvio Duncan, Vicente Moliterno). Para construir a sede, na Rua General Vitorino, o Equipe teve apoio de artistas e intelectuais. Paulo

Autran chegou a fazer espetáculo em Porto Alegre com renda para o teatro. Quando Ivette entrou, o Equipe já tinha casa própria e estava por estrear *Almanjara*, de Artur Azevedo. A primeira peça em que Ivette participou foi *A farsa da*

esposa perfeita, de Edi Lima, cavalo de batalha do Equipe. Mas o grande sucesso foi *O Despacho*, de Mário de Almeida, que ficou oito meses em cartaz, coincidindo com o movimento da Legalidade, que em 1961 garantiu a

posse de João Goulart após a renúncia do presidente Jânio Quadros. A peça narrava a situação política brasileira e, no final, com 30 atores em cena, pregava a revolução socialista. Brizola pediu para assistir e ficou fascinado. Para apoiar o movimento, o Equipe montou um comitê. “Estávamos decididos a lutar pela causa, e eu cansei de dormir entre as poltronas da platéia.” Depois, veio *Pedro Mico*, de Antonio Callado, em que Ivette era a única branca num elenco de negros. O Equipe durou três anos na sede própria; acabou devido a problemas financeiros. “O último espetáculo foi de poesia: Milton, Peréio e eu. A maioria do elenco foi para o Rio, Milton e eu ficamos.” Ele voltou para o curso de Arquitetura, e ela começou a trabalhar na Caldas Júnior. Casaram e tiveram André, musicoterapeuta, casado com Cristina; e Felipe, psicólogo com especialização em psicanálise, solteiro.”

MULHER BONITA

“Uma vez, eu estava tomando cafezinho, no Centro, com o Wilson Müller, e ao lado dois homens começaram a discutir em voz baixa se eu era ou não era a Ivette Brandalise. Até que um deles encerrou o papo: ‘Claro que não, rapaz: a Ivette Brandalise é uma mulher bonita.’”

INDO À LUTA

“Trabalhei cinco meses na Olivetti antes de ir para o Diário de Notícias, editado pelo Celito De Grandi. Aí encontrei a Célia Ribeiro, que me convidou para fazer um programa na TV Piratini chamado *Revista da Semana*. Ao mesmo tempo, passei a trabalhar na Standard Propaganda, com o Gilberto Lehmen e o Ernani Behs. O cliente mais importante era o Paulo Vellinho, da Springer-Admiral.”

FAMA DE AGRESSIVA

“No *Show de Notícias*, na TV Gaúcha, era eu quem dizia as frases mais inteligentes, mas quem redigia era o Ibsen Pinheiro, ou o Werner Becker, ou o Lauro Schirmer, ou os três juntos. Lá pelas tantas, todos nós, inclusive o Carlos Bastos, que também estava começando. Mas sempre de modo sarcástico, um tanto debochado. Fiquei com fama de agressiva.”

NA POLÍCIA FEDERAL

“Acusação: ‘Tuas pausas, o jeito que tu olhas’. Defesa: ‘Se estou em silêncio e o senhor lê alguma coisa nas minhas pausas e no meu olhar, então, o senhor é que está pensando isso’. Mesmo assim, fui cassada na TV Difusora. Autoridades estaduais que vinham sendo criticadas exigiram meu afastamento. Mas continuei na Folha da Manhã e na Rádio Guaíba.”

BREVE NO CINEMA

“Estou me preparando para estrear no cinema, no filme de Tabajara Ruas ‘O general e o negrinho’. Vou fazer uma avó malvada, perversa e racista, que roga praça aos negros e vibra quando eles estão apanhando. O Milton vai fazer um bolcheiro.”

De repente, tudo era proibido, tudo era feio, tudo era pecado

“Nasci em Videira, Santa Catarina, no dia 7 de janeiro, filha de André e Santina Brandalise. Éramos seis irmãs: Euclides (já falecido), Maria Célia, Dalva, eu, Maria Luíza e Ricardo, que é filho de todas nós. Tive uma infância fantástica: as portas não tinham chave e a gente brincava na rua, protegida pela vizinhança, subia em árvore, andava de bicicleta sem usar as mãos. De repente, aos 13 anos, vim para o internato do Bom Conselho, em Porto Alegre, onde tudo era proibido, tudo era feio, tudo era pecado.”

Eu era péssima nos esportes, míope e sem enxergar do olho direito, mas ia treinar tênis para poder pular a cerca viva que dava para a Vila Cristófel e ir comer morango com nata no barzinho da Praça Júlio de Castilhos, onde podia conversar com o poeta Mário Quintana. Ele estava sempre lá, bebendo, escrevendo nos guardanapos e guardando no bolso. ‘Tenho uma amiga que passa a ferro os meus poemas: acho que ela me ama’.

Fui expulsa porque briguei com a

madre. Era um domingo, e eu estava usando o uniforme dos dias de semana, que era mais bonitinho. Para as freiras, isso era uma infração das mais horríveis: ‘Não pode!’ A mãe levantou o dedo pra mim e eu levantei o dedo pra ela.

Aí, minha irmã, que morava num pensionato de freiras, veio me buscar. Eu tinha 14 anos e estava no primeiro Científico, consegui transferência para o Julinho e fui morar no pensionato. Era uma exceção, porque minha irmã morava lá, mas ela se formou e foi embora, e eu fiquei como uma espécie de filhinha das outras, ganhava presente no Dia das Crianças.

Fui uma externa bem comportada.



“Quando estreei na TV, não existia teleprompter: eu decorava as frases e falava olhando diretamente para a lente da câmera”

Meu grande prazer era poder ir à matinê. Via todos os filmes da Metro que passavam no Cinema Colombo. Quando o filme era impróprio para a minha ida-

de, eu me maquiava bem, pegava uns compêndios de farmácia da minha irmã e ia. Adorava ir à matinê sozinha, era o supra-sumo da liberdade.”

ARQUIVO PESSOAL



Orgulho Gaúcho

Flávio Dutra

Anos atrás, numa eleição promovida por um banco e uma rede de comunicação local, foi escolhido como símbolo da cidade o monumento ao Laçador, o gaúcho altivo que saúda os que chegam a Porto Alegre. Escolha de legitimidade – e repercussão – questionável, não deixa de ser notável que uma cidade com pretensões cosmopolitas escolha como seu símbolo justamente uma referência rural, um personagem que remete não aos elementos urbanos, mas sim ao campo e às suas lidas.

Fenômeno de registro semelhante, o Acampamento Farroupilha, realizado durante o mês de setembro no Parque da Harmonia, em Porto Alegre, aumenta em tamanho e visibilidade a cada ano. Desta vez, cerca de três mil pessoas estiveram acampadas em uma cidade improvisada, com casas de costaneira, barracas e muito barro. Além disso, segundo estimativas do governo do Estado, circularam por lá, a cada dia, cerca de 20 mil pessoas. Oportunidade de celebrar a tradição, o Acampamento é também uma maneira de trazer para dentro da cidade um pouco da experiência e da lembrança dos tempos no campo, sejam elas reais ou fantasiosas.

As fotografias do ensaio apresentado nesta página foram feitas durante o Acampamento Farroupilha deste ano e mostram como é vivida essa memória campeira, tentativa de traduzir o orgulho gaúcho e farroupilha em pleno centro de Porto Alegre.



NEDE LOSINA

O autor desses registros é fotógrafo e foi professor das disciplinas de fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da UFRGS.

